



ensino médio  
**1ª SÉRIE**  
volume 1 - 2009

caderno do  
**PROFESSOR**

# SOCIOLOGIA



## GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador  
José Serra

Vice-Governador  
Alberto Goldman  
Secretária de Educação  
Maria Helena Guimarães de Castro  
Secretária-Adjunta  
Iara Gloria Areias Prado  
Chefe de Gabinete  
Fernando Padula  
Coordenadora de Estudos e Normas  
Pedagógicas  
Valéria de Souza  
Coordenador de Ensino da Região  
Metropolitana da Grande São Paulo  
José Benedito de Oliveira  
Coordenadora de Ensino do Interior  
Aparecida Edna de Matos  
Presidente da Fundação para o  
Desenvolvimento da Educação – FDE  
Fábio Bonini Simões de Lima

### EXECUÇÃO

#### Coordenação Geral

Maria Inês Fini

#### Concepção

Guiomar Namó de Mello

Lino de Macedo

Luis Carlos de Menezes

Maria Inês Fini

Ruy Berger

### GESTÃO

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

#### Presidente do Conselho Curador:

Antonio Rafael Namur Muscat

#### Presidente da Diretoria Executiva:

Mauro Zilbovicius

Diretor de Gestão de Tecnologias aplicadas à Educação: Guilherme Ary Plonski

Coordenadoras Executivas de Projetos: Beatriz Scavazza e Angela Sprenger

### COORDENAÇÃO TÉCNICA

CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

### Coordenação do Desenvolvimento dos Conteúdos Programáticos e dos Cadernos dos Professores

Ghislaine Trigo Silveira

### AUTORES

#### Ciências Humanas e suas Tecnologias

Filosofia: Paulo Miceli, Luiza Christov, Adilton

Luís Martins e Renê José Trentin Silveira

Geografia: Angela Corrêa da Silva, Jaime Tadeu Oliva, Raul Borges Guimarães, Regina Araujo, Regina Célia Bega dos Santos e Sérgio Adas

História: Paulo Miceli, Diego López Silva, Glaydson José da Silva, Mônica Lungov Bugelli e Raquel dos Santos Funari

Sociologia: Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins, Marcelo Santos Masset Lacombe, Melissa de Mattos Pimenta e Stella Christina Schrijnemaekers

#### Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Biologia: Ghislaine Trigo Silveira, Fabíola Bovo Mendonça, Felipe Bandoni de Oliveira, Lucilene Aparecida Esperante Limp, Maria Augusta Querubim Rodrigues Pereira, Olga Aguilar Santana, Paulo Roberto da Cunha, Rodrigo Venturoso Mendes da Silveira e Solange Soares de Camargo

Ciências: Ghislaine Trigo Silveira, Cristina Leite, João Carlos Miguel Tomaz Micheletti Neto, Julio César Foschini Lisboa, Lucilene Aparecida Esperante Limp, Maira Batistoni e Silva, Maria Augusta Querubim Rodrigues Pereira, Paulo Rogério Miranda Correia, Renata Alves Ribeiro, Ricardo Rechi Aguiar, Rosana dos Santos Jordão, Simone Jaconetti Ydi e Yassuko Hosoume

Física: Luis Carlos de Menezes, Sonia Salem, Estevam Rouxinol, Guilherme Brockington, Ivã Gurgel, Luís Paulo de Carvalho Piassi, Marcelo de Carvalho Bonetti, Maurício Pietrocóla Pinto de Oliveira, Maxwell Roger da Purificação Siqueira e Yassuko Hosoume

Química: Denilse Moraes Zambom, Fabio Luiz de Souza, Hebe Ribeiro da Cruz Peixoto, Isis Valença de Sousa Santos, Luciane Hiromi Akahoshi, Maria Eunice Ribeiro Marcondes, Maria Fernanda Penteado Lamas e Yvone Mussa Esperidião

### Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Arte: Geraldo de Oliveira Suzigan, Gisa Picosque, Jéssica Mami Makino, Mirian Celeste Martins e Sayonara Pereira

Educação Física: Adalberto dos Santos Souza, Jocimar Daolio, Luciana Venâncio, Luiz Sanches Neto, Mauro Betti e Sérgio Roberto Silveira

LEM – Inglês: Adriana Ranelli Weigel Borges, Alzira da Silva Shimoura, Lívia de Araújo Donnini Rodrigues, Priscila Mayumi Hayama e Sueli Salles Fidalgo

Língua Portuguesa: Alice Vieira, Débora Mallet Pezarim de Angelo, Eliane Aparecida de Aguiar, José Luís Marques López Landeira e João Henrique Nogueira Mateos

### Matemática

Matemática: Nilson José Machado, Carlos Eduardo de Souza Campos Granja, José Luiz Pastore Mello, Roberto Perides Moisés, Rogério Ferreira da Fonseca, Ruy César Pietropaolo e Walter Spinelli

### Caderno do Gestor

Lino de Macedo, Maria Eliza Fini e Zuleika de Felice Murrie

### Equipe de Produção

Coordenação Executiva: Beatriz Scavazza

Assessores: Alex Barros, Antonio Carlos de Carvalho, Beatriz Blay, Carla de Meira Leite, Eliane Yambanis, Heloisa Amaral Dias de Oliveira, José Carlos Augusto, Luiza Christov, Maria Eloisa Pires Tavares, Paulo Eduardo Mendes, Paulo Roberto da Cunha, Pepita Prata, Renata Elsa Stark, Solange Wagner Locatelli e Vanessa Dias Moretti

### Equipe Editorial

Coordenação Executiva: Angela Sprenger

Assessores: Denise Blanes e Luis Márcio Barbosa

Projeto Editorial: Zuleika de Felice Murrie

Edição e Produção Editorial: Conexão Editorial, Verba Editorial, Adesign e Ocky Design (projeto gráfico)

### APOIO

FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação

### CTP, Impressão e Acabamento

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias de educação do país, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos\* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

\* Constituem "direitos autorais protegidos" todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas no material da SEE-SP que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239c São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.  
Caderno do professor: sociologia, ensino médio - 1ª série, volume 1 /  
Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Heloisa  
Helena Teixeira de Souza Martins, Melissa de Mattos Pimenta, Stella Christina  
Schrijnemaekers. – São Paulo : SEE, 2009.

ISBN 978-85-7849-206-9

1. Sociologia 2. Ensino Médio 3. Estudo e ensino I. Fini, Maria Inês. II. Martins,  
Heloisa Helena Teixeira de Souza. III. Pimenta, Melissa de Mattos. IV. Schrijne-  
maekers, Stella Christina. V. Título.

CDU: 373.5:101

Prezado(a) professor(a),

Dando continuidade ao trabalho iniciado em 2008 para atender a uma das prioridades da área de Educação neste governo – *o ensino de qualidade* –, encaminhamos a você o material preparado para o ano letivo de 2009.

As orientações aqui contidas incorporaram as sugestões e ajustes sugeridos pelos professores, advindos da experiência e da implementação da nova proposta em sala de aula no ano passado.

Reafirmamos a importância de seu trabalho. O alcance desta meta é concretizado essencialmente na sala de aula, pelo professor e pelos alunos.

O Caderno do Professor foi elaborado por competentes especialistas na área de Educação. Com o conteúdo organizado por disciplina, oferece orientação para o desenvolvimento das Situações de Aprendizagem propostas.

Esperamos que você aproveite e implemente as orientações didático-pedagógicas aqui contidas. Estaremos atentos e prontos para esclarecer dúvidas ou dificuldades, assim como para promover ajustes ou adaptações que aumentem a eficácia deste trabalho.

Aqui está nosso novo desafio. Com determinação e competência, certamente iremos vencê-lo!

Contamos com você.

**Maria Helena Guimarães de Castro**

Secretária da Educação do Estado de São Paulo

# SUMÁRIO

**São Paulo faz escola – Uma Proposta Curricular para o Estado 5**

**Ficha do Caderno 7**

**Orientação sobre os conteúdos do bimestre 8**

**Situações de Aprendizagem 10**

Situação de Aprendizagem 1 – O processo de desnaturalização ou estranhamento da realidade 10

Situação de Aprendizagem 2 – O homem é um ser social 22

Situação de Aprendizagem 3 – A Sociologia e o trabalho do sociólogo 39

Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão dos temas 46

**Considerações finais 48**

# SÃO PAULO FAZ ESCOLA – UMA PROPOSTA CURRICULAR PARA O ESTADO

Prezado(a) professor(a),

É com muita satisfação que apresento a todos a versão revista dos Cadernos do Professor, parte integrante da Proposta Curricular de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental – Ciclo II e do Ensino Médio do Estado de São Paulo. Esta nova versão também tem a sua autoria, uma vez que inclui suas sugestões e críticas, apresentadas durante a primeira fase de implantação da proposta.

Os Cadernos foram lidos, analisados e aplicados, e a nova versão tem agora a medida das práticas de nossas salas de aula. Sabemos que o material causou excelente impacto na Rede Estadual de Ensino como um todo. Não houve discriminação. Críticas e sugestões surgiram, mas em nenhum momento se considerou que os Cadernos não deveriam ser produzidos. Ao contrário, as indicações vieram no sentido de aperfeiçoá-los.

A Proposta Curricular não foi comunicada como dogma ou aceite sem restrição. Foi vivida nos Cadernos do Professor e compreendida como um texto repleto de significados, mas em construção. Isso provocou ajustes que incorporaram as práticas e consideraram os problemas da implantação, por meio de um intenso diálogo sobre o que estava sendo proposto.

Os Cadernos dialogaram com seu público-alvo e geraram indicações preciosas para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas e para a Secretaria, que gerencia esse processo.

Esta nova versão considera o “tempo de discussão”, fundamental à implantação da Proposta Curricular. Esse “tempo” foi compreendido como um momento único, gerador de novos significados e de mudanças de ideias e atitudes.

Os ajustes nos Cadernos levaram em conta o apoio a movimentos inovadores, no contexto das escolas, apostando na possibilidade de desenvolvimento da autonomia escolar, com indicações permanentes sobre a avaliação dos critérios de qualidade da aprendizagem e de seus resultados.

Sempre é oportuno lembrar que os Cadernos espelharam-se, de forma objetiva, na Proposta Curricular, referência comum a todas as escolas da Rede Estadual, revelando uma maneira inédita de relacionar teoria e prática e integrando as disciplinas e as séries em um projeto interdisciplinar por meio de um enfoque filosófico de Educação que definiu conteúdos, competências e habilidades, metodologias, avaliação e recursos didáticos.

Esta nova versão dá continuidade ao projeto político-educacional do Governo de São Paulo, para cumprir as 10 metas do Plano Estadual de Educação, e faz parte das ações propostas para a construção de uma escola melhor.

O uso dos Cadernos em sala de aula foi um sucesso! Estão de parabéns todos os que acreditaram na possibilidade de mudar os rumos da escola pública, transformando-a em um espaço, por excelência, de aprendizagem. O objetivo dos Cadernos sempre será apoiar os professores em suas práticas de sala de aula. Posso dizer que esse objetivo foi alcançado, porque os docentes da Rede Pública do Estado de São Paulo fizeram dos Cadernos um instrumento pedagógico com vida e resultados.

Conto mais uma vez com o entusiasmo e a dedicação de todos os professores, para que possamos marcar a História da Educação do Estado de São Paulo como sendo este um período em que buscamos e conseguimos, com sucesso, reverter o estigma que pesou sobre a escola pública nos últimos anos e oferecer educação básica de qualidade a todas as crianças e jovens de nossa Rede. Para nós, da Secretaria, já é possível antever esse sucesso, que também é de vocês.

Bom ano letivo de trabalho a todos!

**Maria Inês Fini**

Coordenadora Geral  
Projeto São Paulo Faz Escola

# FICHA DO CADERNO

## Compreendendo a Cidadania

<b>Nome da disciplina:</b>	Sociologia
<b>Área:</b>	Ciências Humanas e suas Tecnologias
<b>Etapa da educação básica:</b>	Ensino Médio
<b>Série:</b>	1ª
<b>Período letivo:</b>	1º bimestre de 2009
<b>Temas e conteúdos:</b>	A Sociologia e o trabalho do sociólogo  O processo de desnaturalização ou estranhamento da realidade  Como pensar diferentes realidades  O homem como ser social

## ORIENTAÇÃO SOBRE OS CONTEÚDOS DO BIMESTRE

Caro professor,

Este Caderno tem como objetivo introduzir a Sociologia aos alunos do Ensino Médio. Por isso, privilegiamos uma forma de ensinar essa disciplina científica de maneira a atraí-los e afastar todas as prenoções ou desconhecimentos a respeito dela. Procuramos evitar a apresentação da Sociologia por meio dos chamados “pais fundadores” e escolhemos transmitir as informações sobre sua origem, no século XIX, destacando o contexto social, político e econômico que suscitou as questões que deram o sentido de seu próprio surgimento. Este bimestre tem como primeiro objetivo mostrar aos alunos *o que é a Sociologia e o que faz o sociólogo*. Evidentemente, reconhecemos que essa é uma tarefa que só será concluída no final da 3ª série do Ensino Médio, mas é nesta primeira fase que o aluno deverá começar a perceber a especificidade do *olhar sociológico* na análise da sociedade. O recurso metodológico para isso é dado pelo princípio do *estranhamento*, ou seja, fazer com que o aluno perceba que o olhar da Sociologia para o objeto de sua análise é de estranhamento, de afastamento e de crítica com relação a tudo que lhe aparece como *natural*, como verdadeiro e definitivo. Trata-se, portanto, de construir com o aluno uma atitude ou uma sensibilidade que lhe permita buscar sempre uma explicação de como e por que os fenômenos sociais ocorrem, recusando sempre as explicações de que *sempre* foram assim ou *devem ser* assim. Dessa maneira, o estranhamento é acompanhado da *desnaturalização* do olhar. Essa estratégia didática permite, a nosso ver, mostrar aos alunos que existem diferentes formas de conhecimento e que é a maneira específica como o sociólogo analisa a sociedade que lhe permite

construir um *conhecimento científico* a seu respeito.

Outro tema a ser discutido neste bimestre é o do *homem como um ser social*, ou seja, o homem como produto e como produtor da sociedade em que vive, a partir das relações que estabelece com os outros homens e com a natureza. A partir de um texto narrativo ou de um filme, pretendemos fazer com que os alunos reflitam como o homem, na busca de garantir os seus meios de sobrevivência, transforma a natureza e o ambiente em que vive, cria determinadas técnicas e estabelece relações com outros seres vivos. Na relação com os outros homens desenvolve uma vida em comum, inventa regras e leis, define o sentido dessa vida em comum, adquire uma identidade. Cria, enfim, uma *cultura* e, nesse processo, se transforma.

Dessa forma, esperamos possibilitar que os educandos tenham um contato inicial com a Sociologia e com os temas e questões que serão desenvolvidas já na 1ª série e, posteriormente, nas seguintes.

### Conhecimentos priorizados

O ensino da Sociologia no Ensino Médio dar-se-á por meio do estranhamento, que é a atitude de distanciamento ante a realidade do aluno. Ou seja, ele será introduzido às preocupações sociológicas de compreensão da realidade a partir de uma reflexão sobre sua vida cotidiana. Sendo assim, na Situação de Aprendizagem 1, o objetivo geral é apresentar o programa de Sociologia do 1º bimestre aos jovens e iniciar a construção do olhar de estranhamento, o que se inicia com um breve histórico do ensino de Sociologia no

Brasil e termina com a discussão sobre o olhar sociológico em relação ao olhar do senso comum.

Em seguida, o foco passa a ser os objetos centrais da Sociologia enquanto ciência: o homem e a sociedade. Na Situação de Aprendizagem 2, o objetivo é despertar a percepção dos alunos para o ser humano e seu lugar no mundo dos homens, isto é, uma primeira ideia de como nos relacionamos com os outros e de que maneira isso afeta nosso modo de vida.

Na Situação de Aprendizagem 3, o objetivo é continuar a ajudar os alunos na compreensão do que é a Sociologia e de como é feita a análise sociológica a partir de um modo de olhar para a realidade, auxiliado por teorias e métodos específicos. Pretende-se retomar a discussão estabelecida na Situação de Aprendizagem 1 e fornecer aos alunos uma introdução ao contexto do surgimento da Sociologia, bem como uma distinção entre ela e outras disciplinas.

## Competências e habilidades

Na 1ª série do Ensino Médio será fundamental o desenvolvimento da capacidade de “estranhamento” do aluno em relação a si próprio e à realidade que o cerca. Esse será o primeiro passo para a formação de um *olhar* crítico sobre o cotidiano e, posteriormente, para o desenvolvimento da capacidade de pensar sociologicamente a respeito de

questões pertinentes à realidade dos alunos. Para isso, as atividades aqui propostas têm o intuito de buscar o aprimoramento das seguintes habilidades: leitura e interpretação de textos; análise crítica de obras literárias e cinematográficas; capacidade de observação e prática de pesquisa de campo; associação de temas, ideias e conteúdos apreendidos em sala de aula à realidade cotidiana.

## Metodologia e estratégias

A estratégia é introduzi-los no universo da Sociologia de forma equilibrada, criativa e lúdica. Os jovens estão nesse momento ingressando no Ensino Médio e isso deve ser levado em consideração. São propostas atividades diversificadas, que dependem do conteúdo a ser trabalhado. Há desde aulas expositivas e dialogadas até trabalho de campo, leitura de livro e imagens, bem como sugestões de filmes para ser assistidos e debatidos.

## Avaliação

A avaliação deve valorizar o empenho, a criatividade e a capacidade dos alunos de dar conta das atividades propostas, da melhor forma possível. Elas diferem, dependendo da Situação de Aprendizagem. De forma geral é sugerida a elaboração, por parte dos alunos, de textos dissertativos argumentativos. Os resultados dos trabalhos, bem como os seminários, também são por vezes sugeridos.

# SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1 O PROCESSO DE DESNATURALIZAÇÃO OU ESTRANHAMENTO DA REALIDADE

**Tempo previsto:** 2 aulas.

**Conteúdos e temas:** construção de um olhar de estranhamento ante a realidade. Ou seja, iniciar o processo de desnaturalização do olhar dos alunos, bem como de estabelecer com eles uma diferenciação entre o olhar do sociólogo e o do senso comum.

**Competências e habilidades:** desenvolver o espírito crítico dos alunos e sua capacidade de observação da sociedade; desenvolver habilidades de leitura, produção de textos contínuos e expressão oral; iniciar a construção de um olhar sociológico sobre a realidade; tornar o aluno consciente de que não há olhar natural, todos os olhares são sempre construções.

**Estratégias:** aula dialogada; pesquisa de campo e interpretação de imagens.

**Recursos necessários:** lousa; discussão em sala de aula; imagens.

**Avaliação:** pesquisa individual e em grupo.

### Etapa 1 – Sondagem e sensibilização

É necessário fazer uma pequena discussão histórica com os alunos antes de começar a sensibilização inicial. O momento é muito importante para todos, tanto para o aluno como para você, professor, que dará aula de Sociologia. É fundamental que os alunos sintam-se estimulados a estudar essa nova disciplina e que tenham consciência da importância para a sua formação, independentemente das carreiras que seguirão. Há jovens que têm somente uma vaga ideia do que seja a Sociologia e, não raro, há aqueles que possuem algum tipo de preconceito com relação à disciplina. Entre outros fatores, isso ocorre

porque ela ficou excluída da grade curricular obrigatória por quase 40 anos. Isso deve ser levado em consideração ao ser trabalhado qualquer tipo de prenoção que eles possam ter, já no início do ano. Sugerimos que reserve parte da primeira aula para expor aos jovens algumas das razões de a Sociologia ter sido retirada da grade curricular.

A Sociologia já foi uma disciplina presente em todas as escolas, assim como a Matemática e a Língua Portuguesa. Ela surgiu como disciplina obrigatória já em 1897, mas só foi realmente introduzida em 1925, com a Reforma Rocha Vaz. A partir de então, a Sociologia não só se tornou obrigatória no Ensino Secundário como também passou a ser cobrada

nos vestibulares para o ingresso no Ensino Superior (MORAES, 2003, p. 7). Entretanto, durante os momentos de ditadura em nosso país, o ensino de Sociologia sofreu uma série de revezes:

- ▶ em 1942, durante a ditadura da era Vargas, também conhecida pelo nome de Estado Novo, ocorreu a Reforma Capanema, que retirou a obrigatoriedade da Sociologia nos cursos secundários. A disciplina foi mantida somente no Curso Normal como Sociologia Geral e Sociologia da Educação;
- ▶ em 1961 ela volta como disciplina optativa;
- ▶ em 1971, durante a ditadura militar, o ensino de Sociologia sofreu o seu mais duro golpe. Ora era tida como disciplina optativa, mas não bem-vista, pois era associada, indevidamente, ao comunismo, ora era retirada da grade curricular básica e substituída pela disciplina de Organização Social e Política Brasileira (OSPB). Isso ocorreu com a Reforma Jarbas Passarinho (MORAES, 2003, p. 7). Sua postura crítica diante da realidade não era bem-vista naquela época. Com o passar do tempo, muitas pessoas foram então esquecendo a importância da Sociologia para a *formação geral de qualquer pessoa*.

Entretanto, desde 1882 – por meio de parecer de Rui Barbosa – acreditava-se na importância da disciplina, assim como hoje se reconhece que ela é matéria importante tanto para quem fará Medicina, Direito ou Engenharia, como também para faxineiros, pedreiros, advogados, garçons, químicos, físicos, artistas, enfim, para todos aqueles que necessitam entender e se situar na sociedade em que vivem. Por ter sido deixada de lado no período militar, vários dos pais dos alunos também não devem conhecer a disciplina, pois muitos nasceram durante esse período ou até após o regime.

É importante frisar para os alunos que a Sociologia já esteve presente no currículo do Ensino Médio, mas foi retirada por razões ideológicas e políticas. Ela volta pelo esforço de muitos que reconhecem a importância da construção de um olhar crítico para a realidade como base na formação de qualquer cidadão e do papel que a Sociologia pode desempenhar nesse sentido.

*E é fácil defini-la? Será que podemos definir, hoje, em uma frase, o que é a Sociologia?* Não, pois ela é fruto de um longo processo histórico. O nosso objetivo é esclarecer ao longo desse 1º bimestre o que é a Sociologia e como ela pode nos ajudar a compreender a realidade.

Também é importante destacar que as aulas de Sociologia dialogarão muito com outras disciplinas, como História, Geografia e Filosofia, mas que o principal diálogo se dará com a Antropologia e a Ciência Política. Essas ciências nos ajudarão a lançar um olhar sociológico sobre a realidade, pois, juntas, formam as chamadas *Ciências Sociais*.

Para provocar maior impacto na sala de aula sobre a importância das *Ciências Sociais*, pode ser desenhado na lousa um triângulo cujas pontas tenham as três áreas: Antropologia, Ciência Política e Sociologia, e no centro dele escreva *Ciências Sociais*.

**Antropologia:** a ciência que procura a compreensão do outro, estabelece pontes entre culturas e povos.

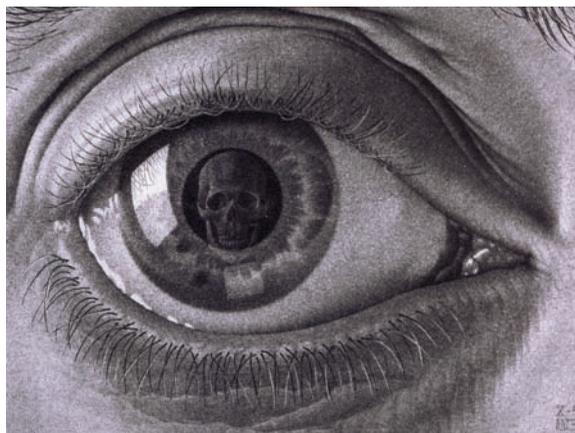
**Ciência Política:** o estudo das relações de poder.

**Sociologia:** a ciência que estuda o homem e as suas relações na sociedade.

Dito isso, é o momento de estabelecer o segundo ponto da sensibilização: começar

a explicar a *construção do olhar sociológico*. Tenha em vista que essa explicação se inicia aqui, mas que as três séries do Ensino Médio serão de *construção de um determinado olhar*. Um olhar que não é o do historiador, nem do geógrafo, ou do filósofo.

© 2008 The M.C. Escher Company-Holland. Direitos Reservados: <www.mcescher.com>



“Olho” gravura à maneira negra, 1946 de M. C. Escher.

Você pode questionar os alunos: “*Por que é importante entender a especificidade do olhar sociológico para a realidade? Qual é esse olhar?*” É preciso entender que isso não será respondido nessa aula, mas ao longo do bimestre. O importante é apresentar a palavra “estranhamento” e dizer que a base de qualquer olhar sociológico é, primeiro, lançar um olhar de estranhamento para a realidade, ou seja, deve-se *desnaturalizar* o olhar. Os alunos talvez não saibam o que é isso e, assim, você pode solicitar que façam um pequeno trabalho de campo sobre o estranhamento, cujo objetivo é fazer com que eles tomem consciência de que o olhar não é *neutro, nem natural*, mas, sim, que está repleto de *preconções*.

Diga que é um *treino do olhar*. Nossa sugestão é a de que o trabalho seja feito em duplas ou trios. Ele consiste na ida dos alunos a um lugar no seu bairro, ou fora dele, que eles não conheçam ou não costumem frequentar. É necessário que eles façam uma pequena **descrição** do local e das pessoas. Ir acompanhado é uma forma de diminuir o desconforto que pos-

sam porventura sentir ao ir a um lugar diferente. Ao escolher o lugar eles podem levar em conta: **diferenças de geração** (jovens visitarem uma creche ou um asilo), **diferenças de gênero** (jovens visitarem o cabeleireiro ou o barbeiro), **diferenças de religião** (igreja católica, evangélica, centro espírita, terreiro de umbanda ou candomblé, templo budista, mesquita, sinagoga etc.), **diferenças de origem** (ir a um centro cultural de tradição diferente da própria, ou onde se realizam atividades que não costumam praticar), **diferença de atividade e costumes** (quem só ouve música sertaneja pode ir a um show de *rock*, um jovem que joga futebol pode acompanhar uma competição de judô).

O *treino do olhar* é o primeiro passo na construção de um olhar sociológico para a realidade, e este se faz com base no estranhamento do cotidiano. Estamos acostumados a *encarar tudo como natural*, como se o mundo e as coisas que nos cercam são “naturais” e sempre foram assim. Para desenvolver um olhar sociológico é preciso quebrar tal forma de encarar a realidade. Você pode dar as explicações que achar necessárias, mas o que importa é que os jovens compreendam a intenção do trabalho. Defina uma data de entrega das descrições.

Mesmo assim, as descrições devem vir repletas de *preconções*. Isso é o esperado para esse primeiro trabalho sobre o estranhamento. No dia da devolução dos trabalhos, estabeleça uma breve reflexão sobre o fato de que muitos mostraram grande preconceito para com o objeto escolhido. Enfatize que havia sido pedida apenas uma descrição, mas que essas *preconções* não são um problema, pois eram esperadas. Isso é só o início do olhar de estranhamento. Deve ser mostrado aos jovens que, mesmo indo a um lugar que *não conheciam*, lançaram um olhar repleto de preconceitos e estereótipos. E que os preconceitos diante do que eles conhecem serão trabalhados ao longo dos próximos três anos.

### Aqui estão dicas importantes para que possa orientá-los

Sugira aos alunos que escolham um lugar em que se sintam confortáveis para ir e que achem interessante conhecer. Não imponha um determinado lugar. Frise com eles que o que você dará são apenas sugestões de lugares possíveis, mas que cabe a cada dupla, ou trio, escolher o lugar em que se sente melhor para fazer essa *descrição*. Lugares que de alguma forma possam colocá-los em risco **devem ser descartados**. Para que isso seja feito, verifique com cada grupo se o lugar que escolheram é seguro e fácil de ser alcançado. Caso o local não seja adequado (os alunos podem querer aproveitar para ir a lugares proibidos ou pouco seguros), diga que não será aceito o trabalho. Os alunos devem fazer *uma descrição* desse lugar *sem conversar com ninguém*. É bom anotar isso na lousa. Eles *não podem pedir explicações* sobre como funciona o local ou o significado dele, nem para que servem os objetos que ali estão, mas em determinados locais devem pedir permissão para entrar e lá permanecer, pois serão facilmente identificados como diferentes das pessoas que normalmente o frequentam. Em vários lugares públicos, como *shoppings* e supermercados, não há a necessidade dessa permissão, mas em algumas igrejas e outros locais, esse é um *cuidado ético* importante que só vai ajudá-los. É bom que os jovens tenham consciência de que o trabalho de campo envolve sempre uma dimensão ética, sendo esta uma parte essencial da metodologia de pesquisa. Devem dizer que é um trabalho escolar *descritivo*, com base na *observação*. Nesse momento, você pode esclarecer que toda Ciência tem a observação como primeiro passo em suas pesquisas.

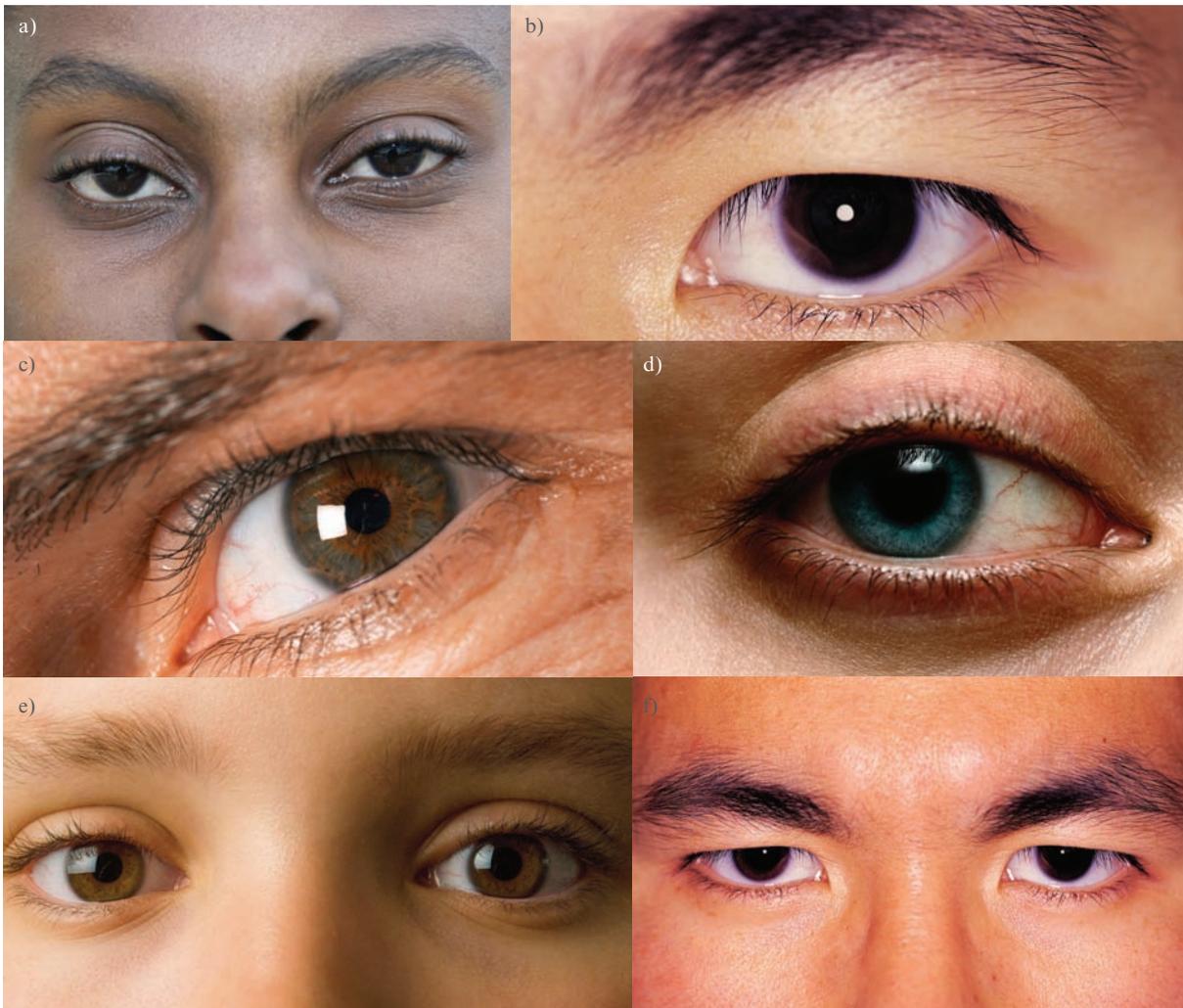
Se seus alunos estão acostumados a se locomover de ônibus, trem ou qualquer outro transporte público, pode deixá-los escolher um local que não seja próximo ao bairro: um parque ao qual nunca foram, um *shopping*, um museu, uma galeria famosa, um templo, uma lanchonete, um *show*, uma praia, um rodeio, uma fazenda, uma prefeitura, um teatro etc.

Essa descrição deve ter no máximo duas páginas. A avaliação será feita pela verificação da capacidade de os alunos fazerem uma descrição que tenha como base apenas *o olhar*. Ou seja, eles *só podem descrever o lugar e as pessoas a partir do que seus olhos veem*. O que interessa nessa observação não é apenas descrever o ambiente, mas, principalmente, as pessoas que lá estão, o que fazem, como se comportam. Isso porque *o objeto da sociologia é o homem e a sua ação no ambiente* em que vive, nos grupos sociais aos quais pertence, suas relações e interações sociais. É preciso marcar a especificidade do olhar sociológico, pois outras disciplinas também podem se interessar pelos mesmos ambientes. O arquiteto, por exemplo, vai se interessar pelas formas, pela estética, pelos materiais utilizados.

Um exemplo: alguns alunos resolveram fazer uma descrição da Câmara dos Vereadores e escreveram em seu trabalho que “aqui é um lugar onde as pessoas fazem leis e ganham muito dinheiro”. Em sala de aula, você pode citar esse exemplo e dizer que há dois problemas nessa descrição. Primeiro, como é possível saber que se fazem leis naquele local, se pelo olhar não há nada que indique isso? E, segundo, como dizer que eles ganham muito dinheiro sem nenhuma explicação que parta do olhar? Eles devem tomar muito cuidado ao descrever o lugar escolhido. Questione-os. *O que mostra que eles ganham muito dinheiro? Digamos que a descrição pode continuar dessa forma: parece que eles ganham bem, pois ali os homens usam ternos, essas roupas são consideradas na nossa sociedade como um símbolo de status, logo, parece que devem ganhar bem*. Deve-se tomar muito cuidado com as descrições e adjetivações no texto; lembrar que a descrição deve sempre ter como elemento o olhar, ou seja, o aluno só pode falar do que ele efetivamente vê ali, não pode usar explicações que não vêm de sua observação direta naquele momento específico. Por isso é recomendado ir a um lugar a que eles não estão acostumados ou nunca foram.

Outro exemplo: digamos que um aluno resolveu descrever uma igreja católica. Como pode saber, só por olhar, que o espaço mais alto no interior da igreja chama-se altar, e que em uma determinada caixa ficam guardadas as hóstias? Como o aluno viu a hóstia, se ela está guardada? Ele só pode descrever o que vê no momento da visita ao local.

a) © Dennis MacDonald/Alamy-Otherimages; b) © Ablestock; c) © WoodyStock/Alamy-Otherimages; d) © Redmond Durrell/Alamy-Otherimages; e) © Bailey-Cooper Photography/Alamy-Otherimages; f) © Ablestock.



a) Olho de uma pessoa negra; b) Olho de pessoa oriental; c) Olho castanho de pessoa ocidental; d) Olho verde de uma pessoa ocidental; e) Olho castanho de uma criança; f) Olho de pessoa oriental.

É ainda importante que os alunos tenham alguma noção dos grandes temas a ser trabalhados no ano. Por isso, escreva na lousa:

1. O aluno na sociedade e a Sociologia.
2. O que permite ao aluno viver em sociedade?
3. O que nos une como humanos? O que nos diferencia?
4. O que nos desiguala, como humanos?

Não é preciso dar uma explicação pormenorizada de cada um deles, a ideia não é a de explorar esses temas, mas, sim, de passá-los na lousa de modo que os jovens possam saber, previamente, quais serão os assuntos debatidos. Você pode dizer, inclusive, que a explicação pormenorizada de cada tema será dada no início de cada bimestre. O importante é dizer a eles que o objetivo deste ano é estabelecer o entendimento de que o homem é um ser social e estabelecer os desafios disso para a compreensão da vida do homem em sociedade.

É o momento de enunciar o conteúdo do bimestre, para que os alunos possam compreender como será a discussão do tema nos próximos dois meses:

1. A Sociologia e o trabalho do sociólogo;
2. O processo de desnaturalização ou estranhamento da realidade;
3. Como pensar diferentes realidades;
4. O homem como ser social.

## Etapa 2 – O imediatismo do olhar

O objetivo da Etapa 2 é dar continuidade à explicação do que é o olhar sociológico a partir da discussão a respeito do *olhar do senso comum em contraposição ao olhar científico*.

Olhamos o mundo e parece que simplesmente vemos as coisas tal como elas são. Entretanto, ao olhar alguma coisa e nomeá-la, é preciso ter *antes* uma ideia do que ela seja; as pessoas têm em suas cabeças alguma ideia do que é um carro, e, por isso, quando veem diferentes carros, podem dizer que viram um. O olhar humano sempre está repleto de prenoções sobre a realidade que nos ajudam a compreendê-la. E elas estão repletas de conhecimento do senso comum. O conhecimento do senso comum é uma forma válida de pensamento, mas não é o único possível. Há, por exemplo, o *conhecimento científico*. O conhecimento científico muitas vezes parte do senso comum para olhar a realidade, mas ele sempre precisa ir *além* do senso comum.

*Nosso olhar nunca é um olhar neutro*, ele está sempre repleto dessas prenoções que vêm do senso comum. Para lançar um olhar sociológico para a realidade é necessário afastar-se dessa forma de observá-la.

Questione-os: *Por que vocês acham que é preciso afastar-se do senso comum? Porque a Sociologia é uma Ciência e não se faz ciência baseando-se no senso comum.*

Na verdade, toda construção científica é um lento processo de afastamento do senso comum. *Não se pensa sociologicamente imerso no senso comum*. O problema é que *estamos* imersos nele. Nossa maneira de *pensar*, de *agir* e de *sentir* está repleta desse tipo de conhecimento. Apesar de ser uma forma válida de conhecimento, não é ciência. A ciência se constrói a partir de um *cuidado metodológico* ao olhar a realidade que procura se afastar dos juízos de valor típicos do senso comum.

Peça que os alunos formulem alguns dos problemas do senso comum e escreva na lousa todas as sugestões. Depois, verifique a listagem e mantenha na lousa apenas as sugestões pertinentes. Por fim, complete a lista dos alunos com as características que achar necessárias. Veja algumas sugestões (DEMO, 1987):

- ▶ **imediatista:** o senso comum se caracteriza muitas vezes por ser extremamente simplista, ou seja, muitas vezes não é fruto de uma reflexão mais cuidadosa. Não se preocupa em definir nada muito bem, não tem, portanto, preocupação com a terminologia que emprega.
- ▶ **superficial:** a superficialidade dessa forma de conhecimento está relacionada com o fato de que ele se conforma com a aparência, “com aquilo que se pode comprovar simplesmente estando junto das coisas: expressa-se por frases como ‘porque vi’, ‘porque senti’, ‘porque disseram’, ‘porque todo mundo diz’ (ANDER-EGG apud MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 77).
- ▶ **acrítico:** outra característica é o fato de ele ser, muitas vezes, uma forma de conhecimento acrítico, ou seja, não estabelece

uma visão aprofundada do que vê, não questiona o que é dito.

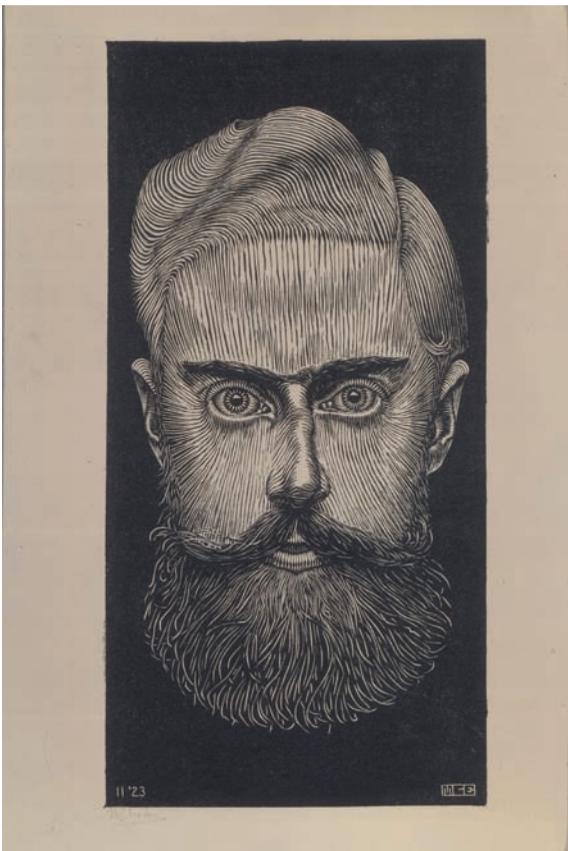
- ▶ **cheio de sentimentos:** muitas vezes nossa visão da realidade é excessivamente marcada pelas nossas emoções, e as emoções normalmente tiram a objetividade da pessoa, pois são pessoais e não estão baseadas na razão. Elas podem fazer com que ajamos de forma irracional.
- ▶ **cheio de preconceitos:** ele muitas vezes é repleto de preconceitos. O preconceito é o conceituar antecipadamente, ou seja, é a atitude de achar que já se sabe, sem conhecer algo de verdade, pois usa explicações prontas que estão repletas de *juízos de valor*. Portanto, a atitude preconceituosa com relação à

realidade e a tudo o que a cerca é aquela da pessoa que julga sem conhecer, com base no que acredita que é ou no que deva ser.

Todas elas estão intimamente relacionadas, pois uma alimenta a outra. Se quisermos construir um conhecimento coerente e consistente, precisamos afastar as prenoções e os julgamentos de valor que estão presentes no senso comum. O olhar que evita essas posturas relacionadas ao senso comum é o *olhar do estranhamento*.

Para trabalhar isso de forma mais clara com os alunos, e mostrar que é necessário desenvolver um treino do olhar, sugerimos uma dinâmica a partir da discussão de gravuras do artista plástico holandês Maurits Cornelis Escher.

© 2008 The M.C. Escher Company-Holland. Direitos Reservados: <www.mcescher.com>.



“Auto retrato” xilogravura de 1923 de M. C. Escher.

© 2008 The M.C. Escher Company-Holland. Direitos Reservados: <www.mcescher.com>.



Foto de M. C. Escher.

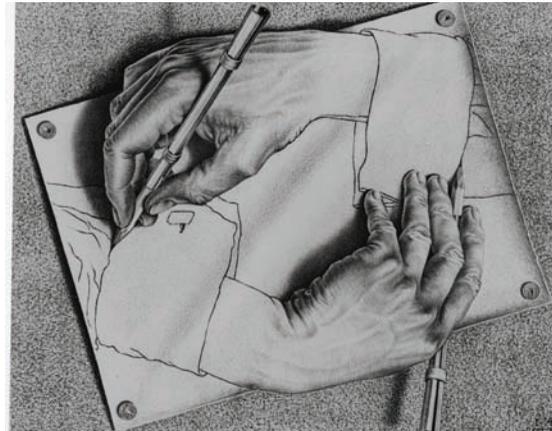
Você pode perguntar se alguém conhece a obra de Escher e fornecer algumas informações sobre ele:

Maurits Cornelis Escher (1898-1972) era holandês e nasceu na cidade de Leeuwarden. Seu pai queria que o filho seguisse alguma carreira relacionada às Ciências Exatas. Observou que o filho tinha jeito para as artes plásticas e, achou que ele poderia tornar-se arquiteto. Escher até estudou arquitetura, mas não se formou. Gostava mesmo era de desenhar. Seus professores de Arte não o consideravam um artista. De qualquer forma, seu pai acreditava nele e o sustentou no início da carreira. Depois, sua obra foi mundialmente reconhecida, e hoje é visto como um dos grandes artistas gráficos do século XX. Fez gravuras, litografias, ilustrou livros, pintou murais, entre outros trabalhos.

Inúmeros são os *sites* sobre M. C. Escher. Hoje existe a Fundação M. C. Escher, cujo *site* oficial é: <<http://www.mcescher.com>>. Além disso, há o museu M. C. Escher na cidade de Haia, Holanda. Por meio do *site* <<http://www.escherinhetpaleis.nl>> é possível fazer uma visita virtual ao museu e saber mais sobre as obras de Escher.

A obra de M. C. Escher o ajudará a trabalhar o tema do *imediatismo e superficialidade do olhar* de forma lúdica. Muitas vezes as pessoas olham e se contentam com o primeiro olhar para explicar algum acontecimento ou pessoa. O problema é que, por isso, não conseguem entender muito bem o que se passa, já que o olhar é ligeiro, casual e, por vezes, também repleto de sentimentos e preconceitos.

Escher gostava de brincar com o nosso olhar, com o imediatismo do olhar. Para ele, desenho é ilusão. O desenho procura mostrar em uma superfície bidimensional algo que é tridimensional.



“Desenhar” litografia de 1948 de M. C. Escher.

Por meio de sua obra é possível refletir um pouco sobre a superficialidade do olhar e debater sobre a questão do “certo” e do “errado”. Peça aos os alunos que observem a seguinte figura:



“Um outro mundo I” gravura à maneira negra, 1946, de M. C. Escher.

Na figura apresentada, Escher mostra, de diferentes ângulos em um mesmo desenho, uma espécie de pássaro com cabeça de ho-

© 2008 The M.C. Escher Company-Holland. Direitos Reservados: <[www.mcescher.com](http://www.mcescher.com)>.

© 2008 The M.C. Escher Company-Holland. Direitos Reservados: <[www.mcescher.com](http://www.mcescher.com)>.

mem. Por meio desse desenho podemos entender que há várias formas de olhar esse pássaro-homem, e que, a cada vez que é lançado um olhar diferente, o vemos de outro ângulo: ora por cima, ora por baixo, ora da direita para a esquerda, ora da esquerda para a direita. De qualquer forma, ele nos mostra que *não há uma única forma de olhar* esse pássaro-homem, pois vários podem ser os pontos de vista. O mesmo ocorre com um fato ou um acontecimento, pode-se observá-lo de diferentes ângulos.

Peça um exemplo de acontecimento que pode ser olhado sob os mais diferentes ângulos. Você pode exemplificar com algo cotidiano, como uma partida de futebol: ela pode ser descrita das mais diferentes *formas*. Questione-os. *Quais vocês acham que podem ser os pontos de vista possíveis?* Anote na lousa as possibilidades e indique outras. Aqui estão algumas dicas de possibilidades:

- ▶ o ângulo de observação: dos jogadores dos diferentes times; das diferentes torcidas no estádio; de quem assiste ao jogo pela televisão e que pode ver um *replay* das jogadas; dos comentaristas esportivos profissionais; dos torcedores depois de lerem as matérias nos jornais e revistas e assistirem aos canais de televisão; o ângulo do juiz; dos bandeirinhas; dos vendedores ambulantes – provavelmente para eles um bom jogo é um jogo em que podem vender muito os seus produtos e não necessariamente o que é um bom jogo do ponto de vista dos torcedores; entre outros exemplos que achar pertinente.

Infinitas são as possibilidades de observar a realidade. E todas dependem dos diferentes ângulos que adotamos. Se quisermos fazer uma análise da realidade o mais isenta possível, devemos tentar observá-la do *maior número possível de ângulos e perspectivas*. Acontece que muitas vezes não paramos para olhar uma situação de diferentes ângulos. Não é difícil as

pessoas aceitarem a primeira explicação dada, aquilo que um primeiro olhar mostra. Mas, para entender a realidade de um ponto de vista sociológico, *não basta lançar um único olhar*, pois o primeiro olhar, muitas vezes, não é imparcial. A análise das figuras a seguir serve justamente para debater a superficialidade do olhar, e como as pessoas podem se equivocar por não lançar um segundo olhar a elas.



“Belvedere” litografia 1958, de M. C. Escher.

Peça aos alunos que observem a imagem e pergunte: *O que vocês acham que esse desenho tem de errado?* Deixe-os especular um pouco e faça suas considerações sobre o trabalho do artista. O trabalho de Escher parece um desenho qualquer, mas são mais do que bonitos ou feios: são instigantes, pois nos fazem pensar. *Observem a escada de mão, há um problema ali: se um andar está em cima do outro, como é que uma escada de mão sai*

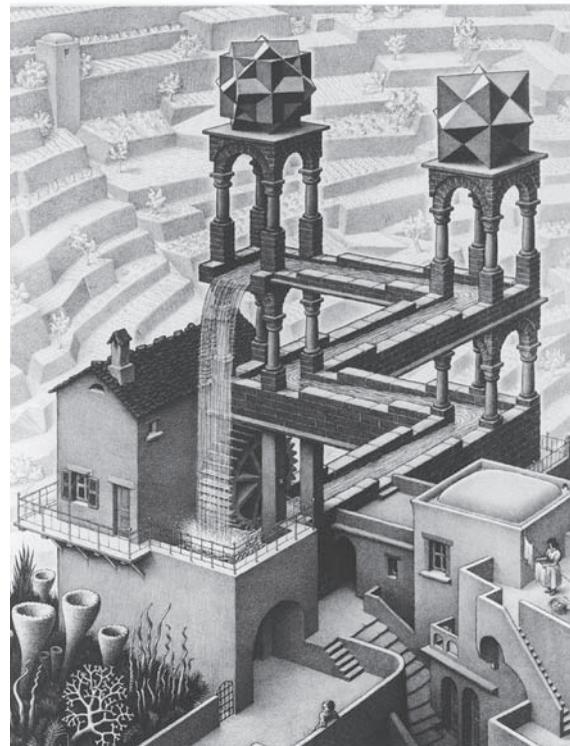
do primeiro pavimento e alcança o segundo? Ela precisa estar inclinada para ir de um andar para o outro, mas isso não é possível se um andar está acima do outro de forma paralela. Logo, como isso é possível? Deixe-os especular e mostre a eles que, na verdade, o andar de cima não está paralelo ao de baixo, ou seja, não está exatamente em cima do de baixo. Eles estão perpendiculares, pois a parte de baixo está virada de frente para o casal que vai subir as escadas, e a parte superior está virada para outra direção, ou seja, a parte de cima forma um “xis” com a parte de baixo, e, por isso, a escada pode sair do andar inferior e atingir o superior.

Peça para que reparem nas duas pessoas que estão nos andares apreciando a vista. Na parte superior há uma mulher cujo rosto nós, observadores externos, podemos ver, e na parte inferior há um homem de costas, que apoia a mão no pilar. Se o desenho não tivesse sido feito dessa forma distorcida, não poderíamos ver o rosto dela, pois ela também estaria de costas para nós, ou os dois deveriam estar de frente. Entretanto, como os andares se encontram como se estivessem “cruzados”, um rosto é visível e o outro não, pois os andares apontam para diferentes direções.

Por fim, se os alunos ainda não perceberam essa disposição, mostre a eles que os pilares estão quase todos cruzados: os pilares do fundo se apoiam na parte da frente e os da frente se apoiam ao fundo.

Perceber tudo isso com um primeiro olhar é impossível. E se há algo que a Sociologia mostra às pessoas é o fato de que “a realidade social apresenta-se como possuidora de muitos significados. A descoberta de cada novo nível modifica a percepção do todo” (BERGER, 1976, p. 32-33).

Peça agora aos alunos que dirijam o olhar para a próxima imagem.



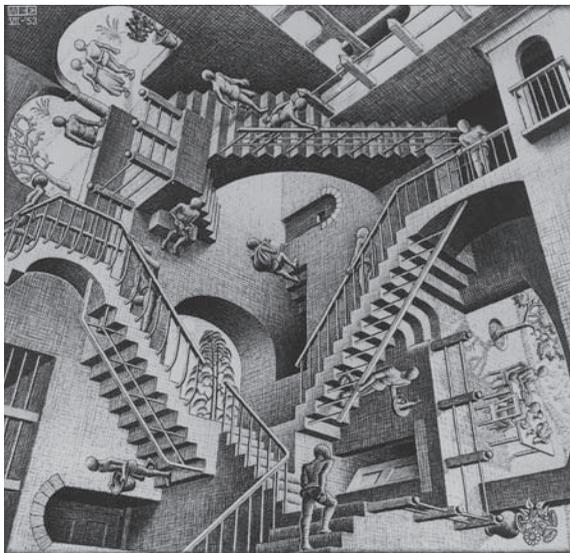
“Queda d’água” litografia 1961 de M. C. Escher.

Peça aos alunos que observem esta imagem e digam o que acham que Escher fez com ela. Mais uma vez há um desenho, talvez interessante, mas não necessariamente bonito ou feio. Mais um desenho que não chama muito a nossa atenção em um primeiro olhar, como muitos fatos e acontecimentos que ocorrem à nossa volta. Nesta figura tudo gira em torno da água. Se os alunos não decifrarem sozinhos a charada, questione-os. *Alguém já viu água subir? E, aqui, a água não só sobe, como sobe em ziguezague para cair no mesmo lugar de onde saiu.* O primeiro problema é que a água sobe para cair. Impossível. O segundo problema é que consegue subir em ziguezague e cair no mesmo lugar. Impossível também. Um terceiro problema: se a água sobe em ziguezague, como é que os pilares se apoiam uns nos outros? Em um percurso em ziguezague, era para uns estarem mais à frente e outros mais atrás, mas ele os deixou uns sobre os outros.

© 2008 The M.C. Escher Company-Holland. Direitos Reservados: <www.mcescher.com>.

Mais uma vez Escher brincou com a credulidade de nosso olhar. Ele distorceu a perspectiva para fazer com que isso tudo seja possível.

© 2008 The M.C. Escher Company-Holland. Direitos Reservados: <www.mcescher.com>



“Relatividade” outra litografia 1962 de M. C. Escher.

A análise desta outra imagem ajuda na discussão sobre o que é certo e o que é errado. Ou seja, o olhar imediatista que lançamos sobre a realidade pode estar errado e repleto de preconceitos que precisam ser deixados de lado. Aquilo que parece certo de determinado ângulo, pode ser errado de outro.

Há muitas escadas. Umas com figuras subindo, outras descendo, outras de ponta-cabeça, nas mais diferentes direções. Questione-os: *Quem está “certo”?* *Quem está “errado”?* *O que é certo ou errado?* Aponte para uma escada que esteja de ponta-cabeça e questione. *Está errada? Mas o que acontece se virarmos o caderno?* A escada que estava certa passa a ficar errada e a errada se torna certa. *O que é certo ou errado? E se virarmos de novo o caderno?*

Este desenho nos ajuda a refletir sobre a relatividade dos nossos pontos de vista, de nossa perspectiva, pois quando mudamos o ângulo por meio do qual vemos algo podemos

às vezes compreendê-lo de uma forma melhor. Ajuda a refletir a respeito da questão dos preconceitos. No caso da Sociologia, deve-se ter em mente que sempre será necessário fazer o esforço mental de procurar diferentes ângulos para conseguir aproximar-se da realidade. Afastar-se dos juízos de valor é um cuidado metodológico fundamental do sociólogo para entender as situações sociais.

Muitas vezes, as pessoas *não querem* fazer isso, ou seja, não querem assumir outro ângulo para observar um fato ou acontecimento. Questione-os. *Por que vocês acham que muitas pessoas não querem adotar um novo ponto de vista?* Primeiro, porque às vezes acham que estão sempre certas e os outros, errados. Mas isso não é possível, pois não existe ninguém que está sempre certo. Em segundo lugar, por que se a pessoa está certa, então o outro está errado, e assim ela não precisará rever seu ponto de vista. Logo, é cômodo para muitos não lançar outro olhar para analisar uma questão, pois assim não terão de mudar de opinião. Não se pensa sociologicamente a partir de uma atitude comodista.

Dê exemplos do cotidiano para o fechamento desta Situação de Aprendizagem, por exemplo, um desentendimento em casa. Muitas vezes, quando há um desentendimento em casa, ele ocorre porque as pessoas não conseguem se colocar umas no lugar das outras. Os pais parecem se esquecer de que já foram jovens e os filhos, por sua vez, não tentam se colocar no lugar dos pais para entender suas preocupações. Acontece o mesmo na escola, nas relações entre alunos e professores ou entre os alunos.

Depois, peça aos alunos outros exemplos, agora pensando na realidade social mais ampla, como nos interesses divergentes entre diferentes categorias profissionais, ou entre países, ou ainda entre grupos em uma cidade.

## **Avaliação da Situação de Aprendizagem**

Como forma de avaliação desta Situação de Aprendizagem, propomos que você utilize o trabalho sobre o estranhamento. A nota deve ser atribuída de acordo com a capacidade que os jovens tiveram de dar conta do trabalho proposto, ou seja, fazer uma descrição a partir das informações dadas pelo olhar. Os melhores trabalhos serão os que conseguiram fazer descrições somente com base no que podiam ver. Os que usaram outras informações (textos e ideias que não vieram da observação) que não

aquelas dadas pelo próprio olho no momento da pesquisa não conseguiram alcançar os objetivos previstos para essa atividade.

## **Proposta de Situação de Recuperação**

Para a recuperação desta Situação de Aprendizagem, nossa proposta é que os alunos escrevam um texto dissertativo que explique a importância de um olhar que se afaste do senso comum para a compreensão da realidade.

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2

### O HOMEM É UM SER SOCIAL

O objetivo desta Situação de Aprendizagem é apresentar aos alunos a ideia de que o homem é um ser social que se encontra inserido em um conjunto de redes sociais mais amplas (família, amigos, comunidade religiosa, vizinhança, colegas de trabalho etc.). Inserido nesses grupos sociais, o homem adquire sua identidade enquanto ser humano e os meios fundamentais para a sua

sobrevivência. A partir dessa percepção, deslocaremos o foco para o próprio meio social em que vive o homem: a sociedade. Trata-se de propiciar ao educando o estranhamento de si mesmo com relação ao *espaço* (onde), à *temporalidade* (quando) e ao *modo* como vive, atentando para tudo o que os homens produzem e que faz deles seres humanos e sociais.

**Tempo previsto:** 4 aulas.

**Conteúdos e temas:** o que faz do homem um ser social; sem o outro o homem não pode sobreviver; a herança cultural; a formação da identidade humana; a linguagem e a necessidade de se comunicar; onde, quando e como o homem vive: a sociedade e sua época, produção cultural e econômica.

**Competências e habilidades:** desenvolver a capacidade de interpretação de texto narrativo ou de filme; memorização de informações; recuperação de eventos narrados em ordem cronológica; análise crítica de obra de ficção.

**Estratégias:** leitura de obra de ficção ou exibição de trechos de filme; aulas dialogadas; questionários de interpretação de texto ou filme.

**Recursos necessários:** material didático adotado; obra de ficção adaptada ou exibição de filme.

**Avaliação:** pesquisa de imagens, textos e elaboração de painel.

### Roteiro para aplicação da Situação de Aprendizagem

**Observação importante:** selecionamos para as duas primeiras etapas desta Situação de Aprendizagem duas propostas de atividades, à sua escolha, dependendo dos recursos disponíveis na sua escola. Consideramos ambas as propostas igualmente válidas e relevantes, portanto indicamos questões e alternativas de respostas para as duas. Opte por apenas uma delas.

Todo o contexto desta Situação de Aprendizagem pode ser trabalhado optando apenas por uma das propostas:

- a) leitura do trecho da obra *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe;
- b) leitura integral da obra *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe;
- c) exibição de trechos do filme *Náufrago*, de Robert Zemeckis.

## Proposta 1 – Leitura da obra *Robinson Crusóe*, de Daniel Defoe

Para trabalhar o tema central desta Situação de Aprendizagem, sugerimos a leitura da obra *Robinson Crusóe*, de Daniel Defoe, como *meio* a partir do qual procuraremos despertar a reflexão sobre a concepção do homem como um ser social. Nosso objetivo é utilizar a situação da personagem e introduzir, com base em exercícios de interpretação de leitura de texto e aulas dialogadas, os conteúdos e temas propostos para essa etapa.

### Sondagem e sensibilização

A indicação da leitura da obra *Robinson Crusóe* deve ser feita logo no início do bimestre, para que os alunos tenham tempo de ler o livro antes da realização das atividades que

compreendem esta Situação de Aprendizagem. A edição que recomendamos é a versão adaptada por Werner Zotz, da Editora Scipione, Série Reencontro. Essa opção tem o objetivo de incentivar o interesse pela leitura de uma obra que, em sua versão original, é demasiado extensa para os fins deste bimestre, e cuja adaptação traz uma linguagem atual, orientada para o público jovem. **Caso os alunos não tenham acesso a essa edição ou tenham dificuldade em encontrá-la, você pode realizar a atividade utilizando os trechos selecionados a seguir.** Se essa for a situação da sua turma, pergunte se alguém já leu o livro, se conhece a obra ou o autor. Se a resposta for positiva, peça que esse aluno faça um breve resumo da história, com suas próprias palavras ou, então, faça-o você mesmo.

Inicie situando o autor e a obra.

**Autor:** Daniel Defoe nasceu na Inglaterra, em 1660, filho de burgueses de origem holandesa. Educado como protestante e dotado de grande espírito crítico, escrevia e distribuía panfletos criticando o rei católico Jaime II e, posteriormente, a rainha Ana, que procurou renovar a Igreja anglicana. Por essa razão, foi preso duas vezes. Em sua vida, viajou a Portugal e à Espanha, onde aprendeu sobre a vida nas colônias portuguesas e espanholas na América. Escreveu também *O capitão Singleton*, *O coronel Jack*, *Roxana*, *O capitão Carleton* e a obra-prima *As aventuras e desventuras de Moll Flanders*.

**Obra:** escrita em 1719, *Robinson Crusóe* é a obra que o tornou famoso. O romance foi inspirado na história verdadeira de um marinheiro escocês, que por quatro anos viveu isolado na ilha de Juan Fernandez, no Caribe. O livro conta a vida do jovem inglês Robinson Kreutznaer, logo conhecido como Robinson Crusóe. Tendo gosto por aventuras, torna-se marinheiro e experimenta toda sorte de peripécias, chegando inclusive a viver por algum tempo no Brasil. Em uma expedição malsucedida rumo à África, o navio em que viajava encalha e o bote salva-vidas naufraga com todos a bordo. Crusóe é o único sobrevivente e passa a viver sozinho em uma ilha desabitada, utilizando apenas os recursos que consegue salvar dos destroços do navio encalhado e sua própria engenhosidade em produzir as ferramentas e os utensílios necessários para a sua sobrevivência durante os anos em que vive na ilha.

## Etapa 1 – Leitura da obra *Robinson Crusóe*

Utilize os trechos selecionados a seguir apenas se a turma tiver dificuldade de acesso à obra. Nesse caso, a leitura deve ser feita em sala de aula. Você pode realizar a leitura de

várias formas: individual, compartilhada ou comentada.

Se todos tiverem lido o livro indicado, você pode passar diretamente às questões sugeridas para discussão.

A primeira atividade a ser realizada com os alunos, seja após a leitura dos trechos selecionados ou do livro, é a *interpretação* do texto propriamente dito. Esse exercício tem por objetivo realizar uma primeira *aproximação* crítico-analítica com relação à obra, que servirá como etapa preparatória para a discussão mais aprofundada, quando os alunos refletirão so-

bre os temas da Situação de Aprendizagem. Sugerimos que o processo seja realizado de forma gradativa. Nesse sentido, as questões propostas a seguir servirão como base para você aprofundar a discussão na aula seguinte. As questões de interpretação do texto podem ser trabalhadas de forma dialogada com a classe ou em grupos, como preferir.

“Andei sem rumo pela costa, pensando nos meus amigos, todos desaparecidos, com certeza mortos. O mar transformara-se em túmulo, além de carrasco.

Longe, mar adentro, o navio continuava imóvel, encalhado. Eu estava molhado, sem água e sem comida. Nos bolsos, apenas uma faca, um cachimbo e um pouco de tabaco. A noite avizinhava-se. Afastada da praia, encontrei uma pequena fonte de água doce. Matei a sede. Para enganar a fome, masquei um naco de fumo. Sem abrigo, sem armas e com medo de feras selvagens, subi numa árvore para passar a noite. Consegui encaixar o corpo cansado no meio de grossos galhos, sem perigo de cair durante o sono. Adormeci logo. (p. 23) [...]

O navio, trazido pela tempestade, havia se deslocado para um ponto bem próximo à praia. Continuava inteiro, sinal de que, se tivéssemos permanecido a bordo, estaríamos agora todos com vida. (p. 23) [...] Em primeiro lugar salvei os animais domésticos que viajavam no navio: um cachorro e quatro gatos. (p. 24) [...] Rapidamente fiz uma revista geral para ver o que podia salvar da carga. [...] Já havia decidido trazer do navio todas as coisas possíveis de serem transportadas. Sabia não ter muito tempo: a primeira tempestade faria o barco em pedaços. (p. 25) [...] Ia para bordo a nado e voltava sempre com uma nova jangada, aproveitando para salvar assim também o madeirame do navio. Consegui desse modo valiosas “riquezas” para um naufrago: machados, sacos de pregos, cordas, pedaços de pano encerado para vela, três pés-de-cabra, duas barricas<sup>1</sup> com balas de mosquete<sup>2</sup>, sete mosquetes, mais outra espingarda de atirar chumbo, uma caixa cheia de munições, o barril de pólvora molhada, roupas, uma rede, colchões e – surpresa! – na quinta ou sexta viagem, quando já acreditava não haver mais provisões a bordo, encontrei uma grande reserva de pão, três barris de rum e aguardentes, uma caixa de açúcar e um tonel<sup>3</sup> de boa farinha... (p. 25-26) [...]

Meu futuro não parecia tão bom... Na verdade prometia ser triste, com poucas esperanças de salvação. Sozinho, abandonado numa ilha deserta, desconhecida e fora das rotas de comércio, não alimentava a menor perspectiva de sair dali com vida. Já me via velho e cansado, passando fome, sem forças para nada: morreria aos poucos. Isto se eu não morresse antes, vítima de alguma tragédia.

Muitas vezes deixei-me levar pelo desânimo. Não foram poucas as lágrimas que salgaram meu rosto. Nessas ocasiões, recriminava e maldizia a Deus. Como podia ele arruinar suas criaturas de modo tão mesquinho, tornando-as miseráveis, deixando-as ao completo abandono? (p. 29) [...]

Depois de dez dias, fiquei com medo de perder a noção do tempo. Improvisei um rústico, mas eficiente calendário. [...] Todos os dias, riscava no poste um pequeno traço. De sete em sete dias, fazia um risco maior para indicar o domingo. Para marcar o final do mês, eu traçava uma linha com o dobro do tamanho. Dessa forma, podia acompanhar o desenrolar dos dias, conseguindo situar-me no tempo.

Entre tantos objetos, havia trazido do navio tinta, papel e penas para escrever. E, enquanto a

1. Pequeno recipiente de madeira, destinada a armazenar mercadorias.

2. Antiga arma de fogo, parecida com uma espingarda.

3. Grande recipiente de madeira formado por dois tampos planos e tábuas encurvadas unidas por aros metálicos.

tinta durou, mantive um diário, relatando de forma resumida os principais fatos acontecidos. (p. 30) [...] A falta de ferramentas adequadas tornava alguns serviços extremamente demorados. Mas, afinal, para que pressa? Eu não tinha todo o tempo do mundo? [...] Também descobri que o homem pode dominar qualquer profissão que queira... Aos poucos, tratei de deixar mais confortável o meu jeito de viver. (p. 31) [...]

Foi nessa época que fiquei doente, com febre, e tive alucinações. Vendo a morte muito próxima, fui incapaz de ordenar minhas ideias e colocá-las com clareza no papel. Hoje sei que esse período foi um dos piores da minha vida. A febre veio de mansinho. (p. 36) [...] Num momento de lucidez, entre um ataque e outro de febre, lembrei-me de que, no Brasil, se usava fumo para curar a malária. E eu tinha, num dos caixotes, um pedaço de fumo em rolo e algumas folhas ainda não defumadas. Foi a mão de Deus que me guiou. Buscando o fumo, achei uma Bíblia, guardada no mesmo lugar.

O fumo curou-me a febre: não sabia como usá-lo, por isso tentei diversos métodos ao mesmo tempo. Masquei folhas verdes, tomei uma infusão de fumo em corda com rum, aspirei a fumaça de folhas queimadas no fogo. Não sei qual dos métodos deu resultado: talvez todos juntos. A verdade é que sarei em pouco tempo. A Bíblia foi um bom remédio para a alma. (p. 37) [...]

Sempre quis conhecer a ilha inteira, ver cada detalhe dos meus domínios. Acreditei que tinha chegado a hora. Peguei minha arma, uma machadinha, uma quantidade grande de pólvora e munições, uma porção razoável de comida e pus-me a caminho, acompanhado de meu cão... (p. 42) [...] Na volta, apanhei um filhote de papagaio. Os colonos brasileiros costumavam domesticá-los e ensiná-los a falar. Pensei em seguir-lhes o exemplo. (p. 43) [...]

Foi no início da estação das chuvas. Passando perto da paliçada<sup>4</sup>, num canto em que o rochedo projetava sua sombra, meus olhos fixaram-se em pequenos brotos germinando. Nunca tinha visto aquelas plantinhas ali. Curioso, aproximei-me a acreditei estar presenciando um milagre: uma ou duas dúzias de pezinhos de milho surgiam da terra. Era milho e da melhor espécie, não havia dúvida. (p. 32) [...] Reconhecido, agradei à Divina Providência por mais esse cuidado. Só passado algum tempo é que me lembrei de um fato acontecido dias antes. Precisava de algo para guardar restos de pólvora. Procurando no depósito da caverna, achei um velho saco de estopa. Pelos vestígios, no passado servira para armazenar grãos: no seu fundo havia cascas e migalhas de cereais. Para limpar o saco, sacudi esses restos num canto, perto da cerca: milagrosamente haviam germinado! (p. 33) [...]

Precisava de algo para moer o milho e transformá-lo em farinha. Sem instrumentos para fazer um pilão de uma pedra, fiz um de madeira, usando a mesma técnica que os índios brasileiros empregavam na confecção de suas canoas: queimavam a madeira, escavando-a, a seguir, com a plaina<sup>5</sup>. [...]

Poll, meu papagaio, aprendera a falar e acompanhava-me aonde quer que eu fosse. Fazia-me bem ouvir outra voz além da minha: pena não ser de algum homem.” (p. 54)

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusóé* – A conquista do mundo numa ilha. Adaptação em português de Werner Zotz. São Paulo: Scipione, 1986. Série Reencontro.

1. Quais são as primeiras coisas que Robinson Crusóé faz ao despertar em terra, após o naufrágio?

*Andar sem rumo pela costa, pensando nos amigos desaparecidos. Identificar os seus pertences pessoais – os objetos que o ligam*

*ao seu lugar de origem: faca, cachimbo e tabaco. Suprir suas necessidades mais básicas: matar a sede, enganar a fome e dormir.*

2. Ao descobrir que o navio, trazido pela tempestade, encontrava-se próximo à praia e continuava inteiro, Robinson decide ir

4. Cerca feita com estacas apontadas e fincadas na terra.

5. Ferramenta manual para aplinar, desbastar, facear e alisar madeiras (p. 46).

até ele e ver o que podia salvar da carga. Que tipo de utensílios e ferramentas ele recupera do navio e por que as considera valiosas “riquezas” para um náufrago?

*Machados, sacos de pregos, cordas, pedaços de pano encerado para vela, pés-de-cabra, armas e munições, roupas, uma rede, colchões e alimentos, além de parte do madeirame do navio. Uma Bíblia, tinta, papel e penas para escrever.*

**Para quem leu o livro:** Também ferramentas de carpintaria, navalhas, tesouras, talheres e moedas.

*Com exceção do dinheiro, que não tinha utilidade imediata, os demais utensílios poderiam ser usados como meios ou ferramentas para transformar os recursos naturais e o meio ambiente, no sentido de prover as condições de sobrevivência de Robinson Crusó.*

3. Descreva as condições em que Robinson se viu, nos primeiros meses de seu exílio na ilha, e o seu estado de espírito.

*Robinson Crusó sabia que se encontrava em uma ilha desabitada, fora das rotas comerciais, o que diminuía muito as chances de ser encontrado por outros navegadores, comerciantes ou exploradores, europeus ou americanos. Naquela época, não havia meios de comunicação remota, o que tornava a sua situação ainda mais desesperadora, pois sem o contato direto com outros seres humanos ele não tinha a menor possibilidade de pedir ajuda. Por essa razão, sentia-se profundamente só, não apenas isolado da civilização e do convívio dos homens, mas como se tivesse sido abandonado – até mesmo por Deus, a quem chegava a recriminar por sua situação, tamanho seu desespero e solidão.*

4. Alguns comportamentos adotados por Robinson Crusó não são relacionados diretamente à satisfação de necessidades básicas como alimentação, abrigo e descanso. Dentre as atividades citadas na obra, descreva duas que não se referem propriamente à sobrevivência.

*Por exemplo: Robinson faz um calendário, marcando os dias, as semanas e os meses, e começa a escrever um diário, resumindo os principais acontecimentos. Também lê a Bíblia e cria animais de estimação, como um cachorro, gatos, cabras e um papagaio.*

5. Em diversos momentos do texto, Robinson utiliza-se de conhecimentos adquiridos no Brasil para atingir um objetivo. Você pode citar alguns exemplos?

*Quando ficou doente, Crusó utilizou o fumo em rolo e algumas folhas de tabaco ainda não defumadas para tratar os ataques de febre provocados pela malária. Quando precisou de algo para moer o milho e fazer farinha, fabricou um pilão de madeira usando a técnica empregada pelos índios brasileiros na construção de suas canoas.*

**Para quem leu o livro:** Robinson também procurou mandioca na ilha para fazer farinha e seu primeiro barco tinha o formato de uma piroga ou canoa, tal como a que os índios brasileiros utilizavam.

6. Originalmente, Robinson era marinheiro e explorador. Não conhecia muito dos ofícios que viria a desenvolver na ilha. Com base na leitura do texto, o que ele aprendeu a fazer, nos anos em que viveu isolado, tendo apenas as poucas ferramentas que recuperara do navio e os conhecimentos que detinha na época (século XVII)?

*Ele aprendeu a caçar, a construir objetos de*

*madeira, a cultivar milho e a produzir farinha, além de criar animais e tornar sua vida mais confortável.*

**Para quem leu o livro:** *Também aprendeu a fazer lamparinas com gordura de cabra, a transformar uvas em passas, a comer carne de tartaruga, a semear os grãos na época mais adequada, segundo as estações de chuva da ilha, a fazer novas ferramentas para agricultura, a fazer cestos, pão, roupas, um barco, potes de barro, entre outros ofícios.*

7. Durante os anos em que viveu sozinho na ilha, Robinson criou diversos animais de estimação, dentre eles um papagaio chamado Poll, ao qual ensinou a falar. Você poderia explicar por que ele fez isso?

*Robinson sentia-se muito só e fazia-lhe falta ouvir outra voz que não a sua. Por isso, ensinou o papagaio a falar.*

### Questões extras para quem leu o livro:

8. Após viver durante anos solitário na ilha, Robinson encontra a marca de um pé humano descalço. Quais foram os sentimentos que essa descoberta despertou? Por quê?

*Inicialmente, Robinson sentiu-se aterrorizado, apavorado, pois não conseguia explicar o fato de a marca pertencer a um único pé. O pavor logo cedeu lugar ao medo, pois o fato de a marca ser a de um pé descalço imediatamente levantou à suspeita de que aquele homem não era europeu – seu igual – mas um “selvagem”, provavelmente antropófago, algo que aterrorizava os marinheiros e exploradores daquela época.*

9. Qual era a origem do medo de Robinson Crusoé com relação aos visitantes ocasionais da ilha?

*Ele tinha medo de ser descoberto, de ser feito*

*prisioneiro e, conseqüentemente, de ser devorado pelos humanos que tinham o costume da antropofagia.*

10. Qual foi o episódio que despertou em Robinson Crusoé nova esperança de deixar a ilha e o desejo de retornar à civilização?

*O trágico naufrágio de um segundo navio, do qual Robinson tentou salvar os tripulantes, mas encontrou apenas cadáveres de marinheiros, um cão, algumas roupas, moedas espanholas e ouro.*

## Etapa 2 – Aula dialogada sobre a leitura

Até agora, os alunos tiveram a oportunidade de pensar sobre a situação vivenciada pela personagem do livro. As perguntas de interpretação de texto que eles responderam deverão servir de base para a próxima etapa da Situação de Aprendizagem. A questão número 4 teve por objetivo chamar a atenção para o fato de que Robinson Crusoé, embora estivesse vivendo em condições precárias na ilha, não direcionava toda a sua energia apenas para a satisfação das suas necessidades vitais, mas manifestava certos comportamentos distintamente humanos, como a manutenção de um calendário e o exercício da sua prática religiosa, por meio da leitura da Bíblia. Esses elementos são importantes componentes de sua *identidade humana*. Outro exemplo: a questão número 5 teve por objetivo destacar a importância dos conhecimentos adquiridos no Brasil no episódio do ataque de malária. A partir dela você pode situar a personagem com relação aos seus grupos sociais de origem e aos demais grupos sociais com quem conviveu, mostrando a importância da interação com os outros para a sobrevivência do ser humano.

Nesta etapa, buscaremos, a partir de uma discussão mais aprofundada da obra, realizar

com os alunos uma reflexão a respeito da questão central: *o homem é um ser social*. Para isso, utilizaremos a situação enfrentada por Robinson Crusóé, seus sentimentos e atitudes identificadas nos diversos episódios da narrativa para construir essa ideia, de forma gradativa, junto com os alunos. Por essa razão, propomos um formato de aula *dialogada*, coordenada pelo professor, em que o raciocínio é construído com a participação de todos. Seu papel é oferecer as bases para essa reflexão, utilizando as sugestões a seguir.

Você pode dispor os alunos em um grande círculo para a realização dessa atividade. Para “quebrar o gelo”, você pode perguntar à turma: *Que objeto vocês considerariam indispensável ter em mãos, caso se encontrassem em uma ilha deserta? Por quê?* Esta pergunta pode ser respondida por todos, individualmente, ou ser limitada a apenas alguns alunos, para não tomar muito o tempo da discussão. Observe que a pergunta induz, necessariamente, à escolha de um objeto. Você pode questionar a turma, rebatendo: *E se por acaso vocês se encontrassem em uma ilha deserta sem nada, nadinha de nada, ou seja, tivessem perdido tudo o que possuíam?* O objetivo dessa pergunta é provocar a reflexão sobre a capacidade de sobrevivência do ser humano em condições adversas. Questione, por exemplo, se a turma acha que *Robinson Crusóé “deu sorte”, por ter o navio encalhado e ter podido salvar diversos objetos*. As respostas positivas, negativas ou intermediárias são corretas. O importante é que, em nenhum dos casos, ele tinha todas as condições adequadas para viver como um europeu do século XVII, do modo como estava habituado. Pergunte aos alunos: *Vocês acham que conseguiriam sobreviver se dispusessem exatamente dos mesmos recursos que Robinson?* Certamente alguns alunos responderão que sim. Aproveite para questionar essa resposta, atentando para o fato de que:

- ▶ Robinson Crusóé era marinheiro; portanto estava habituado a trabalhar com madeira,

cordas, barcos e velames (conjunto de velas que ajudam a impulsionar o navio com a força do vento), que faziam parte do seu dia-a-dia no navio;

- ▶ Tinha conhecimentos sobre o uso de armas de fogo com pólvora (mosquete);
- ▶ Sabia como abater e esfolar animais, fazer fogo sem fósforos ou isqueiros para assá-los e se alimentar deles;
- ▶ Vivera em contato com os índios no Brasil e conhecia melhor a natureza do que muitos de nós, que vivemos em cidades e não estamos habituados a cultivar a terra e caçar animais.

Mesmo com tudo o que salvara do navio, ele não dispunha de ferramentas adequadas para todas as atividades que precisava desenvolver para tornar sua vida mais confortável na ilha, como por exemplo cultivar a terra e ter onde cozinhar e armazenar alimentos. *O que o ajudou a superar esses obstáculos?* Essa pergunta tem por objetivo levar os alunos a refletir sobre o fato de que não basta ter utensílios e ferramentas para transformar a natureza, é preciso saber *utilizá-los e ter conhecimento* da sua fabricação, uso e manutenção.

O caso de Robinson é um exemplo interessante da união entre conhecimentos de origens diversas: consigo trouxe para a ilha o conhecimento que detinha como europeu, inglês, protestante, marinheiro, alfabetizado e, ao mesmo tempo, aquilo que aprendera nos anos em que vivera no Brasil como plantador de tabaco, tanto dos colonizadores portugueses como dos nativos brasileiros. Foi essa herança cultural que tornou possível a transformação dos recursos retirados da natureza nos meios para a sobrevivência. Pensando dessa forma, reflita com os alunos: *Vocês acham que Robinson Crusóé encontrava-se realmente isolado na ilha desabitada em que vivia?* Fisicamente sim, mas na realidade ele estava culturalmente ligado à

sociedade europeia de onde viera e, também, às comunidades de colonizadores e indígenas brasileiros com quem vivera no Brasil, por meio da *herança cultural* que lhe foi legada. Em seguida, confronte a turma com a questão fundamental: *Vocês acham que Robinson Crusóé teria sobrevivido sem os conhecimentos que ele havia trazido da Europa e do Brasil?*

O instinto de sobrevivência do ser humano é extremamente forte. Talvez ele tivesse sobrevivido, mas certamente não viveria da forma como viveu na ilha. Seu modo de vida refletia o seu passado em sociedade: marcava os dias em um calendário (pensava no passado, presente e futuro), escrevia um diário, lia a Bíblia, usava roupas, sentava-se à mesa para comer e beber, entre outros exemplos. Pensando dessa forma, *vocês acham que é possível identificar a origem (onde, quando e como ele vivia) de Crusóé, observando o seu modo de vida?*

Sim, pois os seres humanos são tanto *produtores* de cultura como *produtos* de sua própria cultura. É observando os artefatos deixados pelos povos do passado que os arqueólogos, por exemplo, procuram entender de que maneiras diferentes grupos humanos viviam no passado. Imagine que não tivéssemos acesso ao diário de Robinson Crusóé e estivéssemos estudando sua ilha anos depois de sua morte. *O que poderíamos dizer sobre ele?* Eis alguns exemplos:

- a) Saberíamos que aquele homem encontrava-se em uma ilha, portanto, só poderia ter chegado nela de navio. Uma vez que aproveitara todo o material do navio, só podia ter conhecimentos sobre o uso dos seus componentes – assim, deveria exercer algu-

ma função relacionada com eles (marinheiro, carpinteiro, armeiro, capitão etc.);

- b) O uso de armas como o mosquete o situa entre os séculos XVI e XVIII. Isso pode ser confirmado também pelo uso de tinta e penas para escrever. Desse modo, Robinson não poderia ter vivido antes ou depois dessa época;
- c) Possuía uma Bíblia – logo, era cristão. Se o arqueólogo que estivesse estudando os vestígios deixados por Robinson conhecesse a língua em que a Bíblia estivesse escrita, deduziria que ele, possivelmente, era inglês.

Além da profunda ligação com seu grupo social de origem, Robinson sentia a mais profunda solidão. Esse sentimento perpassa toda a obra e encontra-se refletido nas atitudes que ele toma para amenizar o sofrimento causado pela ausência de outros seres humanos. Ele criou diversos animais, dentre eles um papagaio, ao qual ensinou a falar. Destaque a importância desse fato. Observe que o papagaio é um animal, dotado de instinto e não de razão, portanto sua fala é apenas uma imitação daquilo que o ensinam a dizer, ou seja, ele apenas repete a própria fala de Robinson. É um espelho dele mesmo, uma espécie de “eco” para a sua própria voz. *Por que Crusóé ensinou um papagaio a repetir o seu próprio nome, entre outras frases que imitavam um diálogo, mesmo sabendo que a ave jamais saberia o que estava dizendo a ele?* Aguarde as respostas da turma e discuta-as. Em seguida, introduza a questão central desta Situação de Aprendizagem: o homem é um ser social, e não consegue sobreviver na ausência de outros seres humanos. No limite, o papagaio era apenas um substituto para sua necessidade mais premente: a de imaginar que *outra pessoa* estava interagindo com ele.

**Para quem leu o livro:** posteriormente, essa necessidade será contemplada pela figura de Sexta-feira. Porém, para que Sexta-feira se tornasse um companheiro para Robinson Crusóé, houve um importante processo de mudança no *modo* como ele via os grupos sociais aos quais pertenciam as tribos de Sexta-feira e de seus captivos.

Inicie essa etapa da discussão perguntando aos alunos: *Qual era a visão de Crusoé sobre os homens que aportavam ocasionalmente na ilha em canoas, vindos do continente?* Provavelmente os alunos se reportarão às categorias utilizadas no livro, “selvagens” e “antropófagos,” podendo também se referir ao termo mais comum, “canibais”. Aproveite para questionar a turma: *Por que a antropofagia (canibalismo) lhe causava tanto horror?* O objetivo dessa pergunta é despertar a atenção para o fato de que o estranhamento com relação ao comportamento de outro grupo social **não** é algo natural, mas tem a ver com nossos próprios valores e normas culturais. Para Robinson, um europeu, cristão, educado na Inglaterra do século XVII como protestante, matar e comer outro ser humano era algo inconcebível, pois, para ele, um ser humano é um semelhante, um ser racional, dotado de inteligência e, sobretudo, de alma, e não podia ser morto com o mero objetivo de servir de alimento. *E para os indígenas? Será que eles pensavam da mesma forma? O que vocês acham?*

Ouçã as respostas da turma. Não há respostas certas ou erradas. O importante é enfatizar que o ponto de vista de cada cultura é diferente, ou seja, para os indígenas, a antropofagia era um ritual que fazia parte da sua cultura. Chame a atenção para o fato de que esse costume é muito complexo e **não tem nada a ver com a necessidade de alimento**. Em muitas tribos, comer a carne dos inimigos capturados era uma maneira de manifestar o poder e a dominação sobre eles e incorporar para si seus poderes físicos, “tomando para si” sua força ao comer seus corpos. Você pode questionar os alunos: *Como a visão de Robinson afetou o seu comportamento com relação aos indígenas?*

Na verdade, Robinson sabia pouco a respeito dos costumes dos visitantes ocasionais da ilha. Seu ponto de vista estava carregado de prenoções, isto é, daquilo que ele ouvira dizer ou conhecia por parte de outros marinheiros e exploradores europeus de sua época. Seu olhar só permitia ver aquilo que ele conseguia perceber *de imediato*, isto é, um grupo de pessoas se alimentando de outros seres humanos. Uma vez que ele mesmo era um ser humano, logo deduziu que poderia ser uma vítima em potencial daquele costume. Além disso, Robinson não convivera com homens daquelas tribos, tampouco se comunicara com eles, para saber se efetivamente aqueles rituais tinham por objetivo satisfazer a fome. Suas conclusões eram baseadas apenas no senso comum, ou seja, na ideia de que o alimento possui apenas um objetivo: suprir o corpo de energia para sobreviver. Por essa razão, ele vivia em constante temor de que eles o descobrissem, cercado-se de cuidados e procurando esconder-se sempre que vinham à ilha.

É importante enfatizar que os visitantes da ilha não eram todos iguais. Entre eles, havia dois grupos: os captores e os prisioneiros, que eram executados e ritualmente comidos pelos primeiros. *Qual era o grupo que mais causava temor a Robinson e por quê?* O dos captores, porque eles sempre vinham em grande número e, por essa razão, sentia que não tinha chances de enfrentá-los. *O que o fez mudar de ideia e salvar um dos prisioneiros?* A certa altura, Robinson percebeu que os indígenas iam e vinham em canoas do continente, em épocas específicas, e tinham conhecimento das correntes marítimas e das épocas propícias para a navegação. Se salvasse um deles, poderia conseguir um companheiro e um auxiliar para sair da ilha. O indígena que chamou de “Sexta-feira” veio a cumprir exatamente esse papel. Para isso foi preciso estabelecer uma relação entre ambos. *Que tipo de relação existia entre Robinson Crusoé e Sexta-feira?* Ouça as respostas dos alunos e comente-as. Observe que, embora essa relação tenha evoluído para um laço afetivo de profunda amizade (afinal de contas, Robinson passara mais de 20 anos solitário na ilha e sentia imensa falta de contato com outro ser humano), Sexta-feira era uma espécie de serviçal, chamava-o de “patrão”, aprendera a falar língua inglesa e adotara a maior parte dos costumes de Robinson Crusoé e, inclusive, passara a professar a sua crença religiosa. Nesse sentido, tratava-se de uma relação desigual, em que um se colocava em uma posição superior à do outro. Apesar disso, Robinson também aprendeu algumas coisas com Sexta-feira. *Que tipo de conhecimentos Sexta-feira ofereceu a Robinson Crusoé?* Sexta-feira explicou-lhe sobre seu povo, seus costumes, sua crenças, quando vinham à ilha e o que faziam com seus inimigos; como faziam para não se perder no mar; revelou a presença de espanhóis no continente;

também explicou como calculavam a passagem do tempo (pela lua e pelas estações das chuvas) e, o mais importante, como fazer um barco para chegar ao continente, escolhendo a árvore mais adequada para isso e o modo de confeccionar a embarcação. Aliando os conhecimentos de Robynson sobre navegação a vela, Sexta-feira tornou-se um velejador excepcional.

Ao final desta etapa, espera-se que os alunos tenham desenvolvido a compreensão de que o homem não existe fora da sociedade, e que os recursos de que se utiliza para sobreviver, se comunicar e se relacionar com os outros compõem sua herança cultural e formam a base de sua identidade enquanto ser humano.

## Proposta 2: Exibição de trechos do filme *Náufrago*, de Robert Zemeckis

Para trabalhar o tema central desta Situação de Aprendizagem, sugerimos a exibição de algumas cenas do filme *Náufrago* (direção de Robert Zemeckis, 2000), como meio a partir do qual procuraremos despertar a reflexão sobre a concepção do homem como um ser social. Caso o filme não possa ser exibido, sugerimos que opte pela Proposta 1. O objetivo é utilizar a situação da personagem e introduzir, com base em exercícios de interpretação dos trechos exibidos e aulas dialogadas, os conteúdos e temas propostos.

## Sondagem e sensibilização

A indicação do filme *Náufrago* tem os mesmos objetivos da atividade anterior. A situação da personagem do filme é muito semelhante à de Robynson Crusóe, com o diferencial de se passar em uma época muito mais próxima à realidade vivida pelos alunos do que aquela da obra de Daniel Defoe. A opção pela exibição de uma obra cinematográfica tem ainda a característica de propiciar uma ruptura com relação ao padrão de aulas em que a interação se dá exclusivamente entre educador e educandos, abrindo a possibilidade para que outros meios de comunicação contribuam para tornar a dinâmica em sala de aula instigante, mais variada e atraente.

Antes da exibição do trecho, pergunte à turma se alguém já assistiu ao filme. Solicite a um voluntário que faça um breve resumo da história. Caso ninguém o tenha visto antes, faça você mesmo uma sinopse. É importante que você assista ao filme na íntegra antes de exibir as cenas selecionadas para os alunos.

**Sinopse:** O filme *Náufrago* conta a história de Chuck Noland (Tom Hanks), um engenheiro de sistemas de uma companhia de correio e de entregas, que vive para o trabalho. Em uma de suas inúmeras viagens, o avião da companhia, sobrevoando o Oceano Pacífico, defronta-se com uma tempestade e uma súbita e inexplicável pane nas turbinas leva a uma queda no mar. Noland consegue acionar o equipamento de emergência e, a bordo de um pequeno bote salva-vidas, chega a uma minúscula ilha no meio do Oceano Pacífico, onde vive sozinho durante quatro anos, tendo como recursos apenas algumas caixas com encomendas da companhia que salva do acidente. Sua única motivação para permanecer vivo é a lembrança da namorada Kelly (Helen Hunt), cuja fotografia ele mantém em um relógio de bolso que ela havia lhe dado no último encontro antes do acidente.

O filme tem duração total de 144 minutos, o que torna impossível a sua exibição integral em apenas uma aula. Nesta Situação de Apre-

ndizagem foram selecionadas algumas cenas, cuja ordem de exibição não compromete a sequência narrativa e atende perfeitamente ao

objetivo de discutir a questão central *o homem é um ser social*. As cenas selecionadas são as de número 9, 10, 11, 12, 13 e 16, as quais, juntas, totalizam cerca de 35 minutos.

### **Etapa 1 – Primeira análise dos trechos selecionados de *Náufrago***

A primeira atividade a ser realizada com os alunos, logo após assistirem ao filme, é a *interpretação* do conteúdo assistido. Esse exercício tem por objetivo realizar uma primeira *aproximação* crítico-analítica com relação à obra, que servirá como etapa preparatória para a discussão mais aprofundada, quando os alunos refletirão sobre os temas da Situação de Aprendizagem. Sugerimos que o processo seja realizado de forma gradativa. Nesse sentido, as questões propostas a seguir servirão como base para você poder aprofundar a discussão na aula seguinte.

Após a exibição dos trechos, sugerimos que os alunos reflitam e respondam às questões a seguir, tão logo quanto possível. O ideal é que esta seja uma tarefa para casa e, na aula seguinte, as respostas sejam discutidas em conjunto. Você pode, inclusive, trazer o filme para a classe outra vez, para tirar possíveis dúvidas, exibindo novamente as cenas para as quais considera ser necessário chamar a atenção. As questões de interpretação das cenas podem ser corrigidas de forma dialogada, com a classe, na aula seguinte.

1. Quais são as primeiras coisas que Chuck Noland faz ao despertar na praia, após o acidente?

*Identificar os seus pertences pessoais: o pager e o relógio de bolso com a foto da namorada. Recolher as caixas da companhia de correio e de entregas. Todos são objetos que o ligam ao seu lugar de origem. Comunicar-se. Estabelecer contato com*

*outros seres humanos. Pedir ajuda, chamar por socorro.*

2. De que formas Noland procura se comunicar para pedir socorro?

*Falando, chamando, gritando, escrevendo na praia a palavra “socorro”: primeiro com os pés, depois com pedaços de madeira, para que a maré não apague as marcas.*

3. Ao descobrir os cocos verdes, Noland procura abri-los a fim de beber a água e alimentar-se da polpa deles. Enumere a ordem das etapas empreendidas no esforço para abri-los.

(4) Utilizar uma outra pedra para parti-los.

(1) Atirá-los contra uma parede de pedra.

(6) Utilizar duas pedras combinadas, uma como martelo, outra como cinzel, para furar o coco.

(2) Esmurrar o coco contra a parede de pedra.

(5) Utilizar uma pedra lascada como ferramenta para cortar a casca.

(3) Tentar abri-los esmurrando-os contra uma rocha pontiaguda.

4. A certa altura, Noland saiu em exploração pela beira d’água. Quais eram seus objetivos?

a) Descobrir onde estava.

b) Reconhecer o território.

c) Perceber os limites geográficos do local.

d) Encontrar outros seres humanos.

(e) Todas as alternativas anteriores.

**5. Quais foram suas descobertas?**

*Descobriu que estava sozinho, em uma ilha tropical desabitada, onde encontrou uma caverna, recifes, e um pico montanhoso de onde podia avistar tudo.*

**6. Durante a expedição, Noland avista o que parece ser um dos seus companheiros do acidente. Desesperado, corre até ele, mas, ao chegar, encontra apenas um cadáver. Com base no que você viu no filme, responda: o que levou Noland a correr desesperadamente em direção àquilo que vira do ponto mais alto da ilha?**

*À primeira suspeita de que era outro ser humano – provavelmente um dos seus companheiros do acidente –, Noland identificou-se com ele, isto é, uma pessoa na mesma situação, e correu para salvá-lo. A esperança de que ele ainda estivesse vivo, mesmo após terem se passado alguns dias desde o acidente, era mais forte do que a evidente realidade de que um corpo boiando na água provavelmente já estava morto. Sua esperança estava baseada no desejo desesperador de encontrar outro ser humano.*

**7. Ao constatar que seu colega de trabalho estava morto, por que Noland se deu o trabalho de trazer o corpo até a ilha e enterrá-lo?**

*Desde a pré-história, o enterramento de cadáveres é traço comum observado entre os seres humanos. Estudos arqueológicos evidenciaram práticas de enterramento mesmo entre ancestrais do Homo sapiens – nossa espécie –, de modo que essa é uma herança cultural muito antiga carregada pelo homem.*

**8. Quais são os rituais que Noland realizou durante o funeral?**

*Noland colocou o corpo em uma cova e cobriu o rosto do morto. Depois, retirou alguns*

*dos seus pertences pessoais, como os sapatos e a lanterna, e depositou a carteira sobre o peito do falecido. A foto do colega com os dois filhos ele pôs no bolso direito de sua camisa. Por fim, cobriu a cova com terra e escreveu o nome de Albert Muller, bem como o ano de seu nascimento e falecimento, na parede de pedra acima da cova, indicando o local do sepultamento.*

**9. Quais foram os objetos que Noland encontrou ao abrir as caixas da companhia de entregas recolhidas do acidente?**

a) Relógio de bolso, *pager*, vestido, fitas de videocassete, papéis de divórcio, bola de vôlei, patins de gelo.

b) Cartão de aniversário, lanterna, fitas de videocassete, vestido, bola de vôlei, patins de gelo, “plástico bolha”.

c) Papéis de divórcio, fitas de videocassete, bola de vôlei, patins de gelo, cartão de aniversário, *pager*, sapatos pretos.

**(d)** Fitas de videocassete, papéis de divórcio, cartão de aniversário, bola de vôlei, patins de gelo, vestido.

**10. Descreva, com suas próprias palavras, de que modo a personagem utiliza esses objetos para transformar os recursos naturais e mesmo aquilo que dispunha em meios para a sua sobrevivência.**

*Exemplo: as lâminas dos patins são utilizadas para cortar o tecido das calças, a casca dos cocos verdes e fabricar objetos pontiagudos de madeira. Os cordões dos patins são utilizados para amarrar coisas, o vestido é transformado em uma rede para apanhar pequenos peixes e a bola tornar-se-á seu amigo imaginário Wilson.*

**11. Como Noland conseguiu fazer fogo? Des-**

creva as etapas percorridas para que ele conseguisse e os fatores que o levaram a ter sucesso.

*Primeiro, Noland experimentou fazer girar um pedaço de madeira contra um pequeno tronco, esfregando-o entre as mãos, esperando que o atrito provocasse calor e, assim, iniciasse a combustão. Ele tentou, inclusive, adicionar um combustível ao processo, colocando papel entre o pedaço de pau e o tronco. Depois, ele passou a friccionar o pedaço de madeira contra outro pedaço, menor, mais seco, onde colocara um punhado de ramos secos. Ao perceber que a rachadura no pedaço de madeira menor permitira a passagem do ar, aumentou o espaço entre a madeira e a areia, cavoucando o chão e, friccionando com mais força, conseguiu obter calor suficiente para iniciar o processo de combustão dos ramos e da madeira seca, fazendo fogo. Para isso, foi fundamental ter percebido a importância da passagem do ar e o “incentivo” do “olhar” de um “outro” – ainda que imaginário –, que ele criara ao desenhar um rosto na marca deixada por sua mão na bola de vôlei com seu próprio sangue.*

## 12. Quem é Wilson?

*Wilson é uma das personagens mais importantes do filme. Ele é criado por Chuck Noland em um dos momentos mais dramáticos, quando, ferido, com dor, fome e sentindo todos os rigores de ser confrontado com a força dos elementos da natureza, sozinho, não consegue mais suportar a ausência de outros seres humanos que pudessem estar ali para auxiliá-lo, prover conforto e amenizar seu sofrimento. É interessante observar que Wilson nasce por acaso, quando o sofrimento de Noland se transforma em raiva e ele atira para longe a bola de vôlei com a mão ferida.*

## Etapa 2 – Aula dialogada sobre o filme

Até agora, os alunos tiveram a oportunidade de pensar sobre a situação vivenciada pela personagem do filme. As perguntas de interpretação do conteúdo assistido a que eles responderam deverão servir de base para a próxima etapa da Situação de Aprendizagem. As questões de número 6, 7 e 8 tiveram por objetivo chamar a atenção para o fato de que Chuck, embora estivesse vivendo em condições precárias na ilha, não direcionava toda a sua energia apenas para a satisfação das suas necessidades vitais, mas manifestava certos comportamentos distintamente humanos, como o sepultamento de seu colega de trabalho Albert Muller. Esses elementos são importantes componentes de sua *identidade humana*. Outro exemplo: a questão número 11 teve por objetivo destacar a importância dos conhecimentos que ele detinha no episódio da tentativa de fazer fogo. Saber que para iniciar um processo de combustão é preciso combinar oxigênio, combustível e calor é um conhecimento adquirido a partir da convivência com outros grupos sociais, mostrando a importância da interação com os outros para a sobrevivência do ser humano.

Nesta etapa da Situação de Aprendizagem buscaremos, a partir de uma discussão mais aprofundada do filme, realizar com os alunos uma reflexão a respeito da questão central: *o homem é um ser social*. Para isso, utilizaremos a situação enfrentada por Chuck Noland, seus sentimentos e atitudes identificadas nos diversos episódios da narrativa para construir essa ideia, de forma gradativa, junto com os alunos. Por essa razão, propomos um formato de aula *dialogada*, orientada pelo professor, em que o raciocínio é construído com a participação de todos. Seu papel é oferecer as bases para essa reflexão, utilizando as sugestões a seguir.

Você pode dispor os alunos em um grande

círculo para a realização dessa atividade. Para “quebrar o gelo”, você pode perguntar à turma: *Que objeto vocês considerariam indispensável ter em mãos, caso se encontrassem em uma ilha deserta? Por quê?* Essa pergunta pode ser respondida por todos, individualmente, ou ser limitada a apenas alguns alunos, para não tomar muito o tempo da discussão. Observe que a pergunta induz, necessariamente, à escolha de um objeto. Você pode questionar a turma, rebatendo: *E se por acaso vocês se encontrassem em uma ilha deserta sem nada, nadinha de nada, ou seja, tivessem perdido tudo o que possuíam?* O objetivo dessa pergunta é provocar a reflexão sobre a capacidade de sobrevivência do ser humano em condições adversas. Questione, por exemplo, se a turma acha que Chuck Noland “*deu sorte*”, por ter encontrado as caixas da companhia de entregas e ter podido salvar alguns objetos. As respostas positivas, negativas ou intermediárias estão corretas. O que importa é que, em nenhum dos casos, ele tinha todas as condições adequadas para viver como um americano do século XX, do modo como estava habituado. Pergunte aos alunos: *Vocês acham que conseguiriam sobreviver se tivessem exatamente os mesmos recursos de que Chuck Noland dispunha?* Certamente alguns alunos responderão que sim. Aproveite para questionar essa resposta, atentando para o fato de que Noland era engenheiro de sistemas e morava em Memphis, uma cidade grande no Estado da Virgínia, nos Estados Unidos. Sabia pouco sobre como viver em um ambiente tropical. *E se vocês estivessem em uma ilha onde nevasse e fizesse muito frio? Como Noland sabia que era preciso esfregar dois pedaços de madeira para fazer fogo? Será que vocês também teriam tido a mesma ideia, se não tivessem assistido ao filme?*

Não descarte a hipótese de alguns alunos apresentarem soluções “mágicas”, como, por exemplo, “eu teria um canivete escondido no bolso”, ou “eu sempre levo um isqueiro comigo”. Desafie-os, remetendo sempre à situação enfrentada pela personagem no filme. Chame a

atenção para o fato de que, inicialmente, Noland optou por **não abrir** as caixas da companhia de entregas. Naquele momento, ele dispunha apenas das próprias mãos e da própria engenhosidade para resolver seus problemas. Retome o episódio dos cocos verdes e recapitule com os alunos as etapas empreendidas para abri-los. Pergunte à turma: *O que levou Noland a utilizar aqueles recursos para abrir o coco? Na opinião de vocês, ele poderia ter utilizado outro utensílio?* Aguarde as respostas e comente-as. Destaque o fato de a pedra ser mais dura que o coco. *Vocês pararam para pensar sobre isso? A mesma questão vale para as tentativas de fazer fogo. Como Noland sabia que esfregar pedaços de madeira um contra o outro seria eficiente para fazer fogo? Onde será que ele aprendeu isso?* As respostas serão variadas. O que importa é enfatizar que ele combinou seus conhecimentos com sua *criatividade*, buscando alternativas, a partir de sucessivas tentativas e erros, para encontrar soluções para um problema.

O comportamento do ser humano, enquanto ser racional, caracteriza-se pela combinação entre estes dois fatores: a união dos conhecimentos herdados dos seus grupos sociais de origem e sua própria capacidade de raciocinar, questionar, criar e resolver problemas. É essa herança cultural que tornou possível a transformação dos recursos retirados da natureza nos meios para a sobrevivência. Pensando dessa forma, reflita com os alunos: *Vocês acham que Chuck Noland se encontrava realmente isolado na ilha desabitada em que vivia?* Fisicamente sim, mas na realidade ele estava culturalmente ligado à sociedade americana de onde viera e, também, às diversas sociedades ao redor do mundo com quem mantivera contato em suas inúmeras viagens como funcionário da companhia de entregas. Em seguida, confronte a turma com a questão fundamental: *Vocês acham que Chuck Noland teria sobrevivido sem os conhecimentos que ele havia trazido dos*

*Estados Unidos?* O instinto de sobrevivência do ser humano é extremamente forte. Noland talvez tivesse sobrevivido, mas certamente não viveria da forma como viveu na ilha. Seu modo de vida, e algumas atitudes que ele tomou, refletia o seu passado em sociedade. Um exemplo é o funeral do seu colega Albert Muller. Os rituais realizados por Noland expressam, em grande parte, nossas crenças e os hábitos culturais que herdamos ao lidar com a morte. O modo como ele sepultou o corpo – enterramento –, o fato de ter coberto o rosto do cadáver, o gesto de ter colocado junto ao morto seus objetos pessoais – a carteira e, junto ao peito, a foto da família – são gestos simbólicos que aprendemos convivendo em sociedade. Também andava vestido, usava calçados, procurava alimentar-se de carne de caranguejo cozida e, mais importante ainda, buscava comunicar-se com outros seres humanos, primeiro por meio da linguagem oral (chamando por socorro) e, depois, escrita (escrevendo a palavra “socorro” na areia com os pés e depois, com pedaços de madeira).

Pensando dessa forma, *Vocês acham que é possível identificar a origem (onde, quando e como ele vivia) de Noland, observando o seu modo de vida?*

Os seres humanos são produtores de cultura e produtos de sua própria cultura. É observando os artefatos deixados pelos povos do passado que os arqueólogos, por exemplo, procuram entender de que maneiras diferentes grupos humanos viviam no passado.

Imagine que Noland não tivesse sobrevivido e chegássemos à ilha anos depois de sua morte. *O que poderíamos dizer sobre ele?* Eis alguns exemplos:

a) Um homem viveu ali, pois deixou marcas da sua presença (objetos de fabricação humana, restos de fogueira, cocos verdes abertos);

- b) Esse homem estava de alguma forma ligado à empresa norte-americana de entregas, uma vez que parte dos objetos encontrados com ele eram encomendas transportadas por essa empresa;
- c) A presença desse homem na ilha só poderia ter se dado a partir de 1994, quando a empresa passou a adotar, oficialmente, o logotipo da empresa de entregas;
- d) Na década de 1990, as fitas de videocassete VHS ainda eram bastante difundidas, de modo que podemos situar o período em que esse homem viveu na ilha mais ou menos nessa época;
- e) As marcas que ele deixou na pedra indicam que ele tinha conhecimentos matemáticos e sabia fazer cálculos, logo, era alfabetizado, e, como utilizava o sistema de milhas, e não de quilômetros, provavelmente era americano ou inglês.

Além da profunda ligação com seu grupo social de origem, Noland sentia a mais profunda solidão. Esse sentimento perpassa todo o filme e encontra-se refletido nas atitudes que ele toma para amenizar o sofrimento causado pela ausência de outros seres humanos. A principal delas é a criação do amigo imaginário Wilson. Destaque a importância deste fato. Observe que Wilson é, na realidade, uma bola de vôlei, com uma marca de sangue que representa um rosto, incapaz de falar. Portanto, sua “fala” é apenas aquilo que passa na cabeça de Noland e ele imagina que Wilson está lhe dizendo. Nesse sentido, ele apenas serve de contraponto para um diálogo imaginário. É um espelho dele mesmo, uma espécie de “eco” para a sua própria voz. A partir da marca deixada por ele – uma marca distintamente humana, de sua mão, com seu próprio sangue –, Noland projeta toda a sua angústia por ter um companheiro desenhando um

rosto e, logo, começa a conversar com ele. Aos poucos, esse rosto assume uma identidade e torna-se outra pessoa, fora dele, com quem Noland dialoga e passa a viver em sociedade. Pergunte à turma: *Em que momento, exatamente, essa sociedade se formou?* A partir do instante em que Chuck se dirige a Wilson, procurando estimar qual sua posição geográfica com base em sua recapitulação dos fatos e eventos que antecederam o acidente, e passa a utilizar a primeira pessoa do plural, o pronome pessoal “nós”.

*Por que Noland passa a falar com Wilson, mesmo sabendo que ele era apenas uma bola de vôlei suja de sangue?* Aguarde as respostas da turma e discuta-as. Em seguida, introduza a questão central desta Situação de Aprendizagem: *o homem é um ser social*, e não consegue sobreviver na ausência de outros seres humanos. No limite, a bola de vôlei com a carinha pintada, batizada de Wilson, era apenas um substituto para sua necessidade mais premente: a de imaginar que *outra* pessoa estava interagindo com ele.

Ao final desta etapa, espera-se que os alunos tenham desenvolvido a compreensão de que o homem não existe fora da sociedade, e que os recursos de que se utiliza para sobreviver, comunicar e se relacionar com os outros compõem sua herança cultural e formam a base de sua identidade enquanto ser humano.

## Avaliação da Situação de Aprendizagem

Esperamos que tanto a Proposta 1 quanto a Proposta 2 contribuam para que os alunos tenham desenvolvido uma noção inicial do lugar do homem na sociedade, de que maneiras se relaciona com o meio em que vive e é afetado por ele. A partir das situações extremas vividas por Robinson Crusóé ou Chuck

Noland, espera-se que os educandos compreendam que, mesmo vivendo de forma isolada, o homem carrega consigo os elementos que compõem sua identidade humana e o inserem no interior de uma sociedade. O homem transforma a natureza à sua volta, ao mesmo tempo em que a vida em sociedade *transforma* o lugar onde ele vive e o transforma. Esse processo encontra-se em permanente mudança e tudo aquilo que o homem produz, em termos culturais e econômicos, pode ser situado *no tempo e no espaço* (contexto histórico). Por essa razão, dizemos que os homens produzem a História, ao mesmo tempo em que são produzidos por ela.

O objetivo da avaliação é trazer os elementos trabalhados na Situação de Aprendizagem para a nossa realidade, de forma lúdica. Divida os alunos em grupos. Cada um terá como tarefa montar um painel ilustrativo (utilizando desenho, colagem, pintura etc.), cujo objetivo é comunicar para um grupo de jovens visitantes de outro país, que não falam a nossa língua, o que é a sociedade brasileira. Nesse sentido, propomos que, por meio de pesquisa de imagens, textos e outros materiais, os alunos busquem expressar, por meio do painel, aquilo que nos identifica enquanto brasileiros, nossa herança cultural, onde e como vivemos hoje.

Você pode adotar como critérios de avaliação dos painéis os seguintes itens:

- ▶ criatividade na seleção dos recursos utilizados;
- ▶ clareza na expressão dos conteúdos simbólicos;
- ▶ articulação com os temas apreendidos em sala de aula;
- ▶ formas de linguagem e comunicação empregadas.

## Propostas de Situações de Recuperação

### Proposta 1

Para quem leu parte da obra ou toda a adaptação de *Robinson Crusoe*, sugerimos a elaboração de um texto dissertativo, em que o aluno deverá articular as seguintes questões:

- a) o modo como Robinson vivia na ilha;
- b) sua origem;
- c) seus conhecimentos;
- d) a época em que ele viveu (século XVII).

### Proposta 2

Para quem assistiu às cenas do filme *Náufrago*, sugerimos a elaboração de um texto dissertativo, em que o aluno deverá articular as seguintes questões:

- a) as estratégias utilizadas por Noland para sobreviver;
- b) as atitudes não-relacionadas às necessidades de sobrevivência imediata;
- c) os recursos disponíveis;
- d) a criação da personagem Wilson.

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3

### A SOCIOLOGIA E O TRABALHO DO SOCIÓLOGO

**Tempo previsto:** 2 aulas.

**Conteúdos e temas:** noção básica do que é a Sociologia e como ela se distingue de outras disciplinas, bem como do contexto histórico de sua formação.

**Competências e habilidades:** desenvolver habilidades de leitura; produção de textos contínuos e expressão oral; iniciar o aluno no contexto do surgimento da Sociologia e torná-lo apto a distinguir a Sociologia de outras disciplinas.

**Estratégias:** aula dialogada.

**Recursos necessários:** lousa.

**Avaliação:** texto dissertativo e/ou questões pontuais.

#### Etapa 1 – Sondagem e sensibilização

Os jovens serão agora introduzidos ao que é a Sociologia hoje, quando e para o que o sociólogo é chamado. Nossa sugestão é a de

que a sensibilização dessa Situação de Aprendizagem se baseie na análise de uma entrevista feita com o sociólogo José de Souza Martins, professor de Sociologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP):

“No fim de semana passado, três homens suspeitos de roubo foram linchados na periferia de Salvador. No sábado, Emílio Oliveira Silva e Michael Santa Izabel, acusados de saquear residências da vizinhança, foram linchados por mais de 30 pessoas. Emílio foi morto a pauladas. Domingo, a vítima foi um homem de identidade desconhecida. Ele também foi perseguido por mais de 30 moradores, que o acusavam de roubar uma TV. Morreu no local, a 200 metros de onde Emílio e Michael foram atacados. Na noite de segunda-feira, em Ribeirão Preto (SP), o estudante Caio Meneghetti Fleury Lombardi, que invadiu um posto de gasolina, atropelou o frentista Carlos Pereira Silva e tentou fugir, sofreu uma tentativa de linchamento. Por fim, na quinta-feira, um adolescente da Fundação Casa (ex-Febem) foi linchado até a morte por outros internos, em Franco da Rocha (SP).

Foram cinco casos noticiados em 6 dias. Não se trata de uma epidemia – em nosso contexto, é algo normal. José de Souza Martins, sociólogo e colaborador do “Aliás”, estuda linchamentos há quase 30 anos e documentou 2 mil casos. [...]

*O Brasil é o país que mais lincha no mundo?*

Possivelmente. Isso nos últimos 50 anos, período que minha pesquisa abrange. Não dá para ter certeza, porque linchamento é o tipo de crime inquantificável. Mesmo os americanos, quando tentaram numerar seus casos, tiveram fontes precárias. O linchamento é um crime altruísta, ou seja,

um crime social com intenções sociais. O linchador age em nome da sociedade. É um homem de bem que sabe que está cometendo um delito e não quer visibilidade. Por outro lado, no Código Penal brasileiro não existe o crime de linchamento, somente o homicídio. Então, ele não aparece nas estatísticas. Os casos são diluídos. Estimo que aconteçam de 3 a 4 linchamentos no País por semana, na média. São Paulo é a cidade que mais lincha. Depois, vêm Salvador e Rio de Janeiro.

*Que análise o senhor faz de um país habituado ao linchamento?*

As sociedades lincham quando a estrutura do Estado é débil. Há momentos históricos em que isso acontece. Na França, depois da 2ª Guerra Mundial, quando não havia uma ordem política, havia a tonsura (a raspagem dos cabelos) de mulheres que tiveram relações sexuais com nazistas. Era uma forma de estigmatizar, para que ela ficasse marcada. O linchamento original, nos Estados Unidos, tinha essa característica.

*O que configura um linchamento?*

É uma forma de punição coletiva contra alguém que desenvolveu uma forma de comportamento antissocial. O antissocial varia de momento para momento e de grupo para grupo. Na França, ter traído a pátria era um motivo para linchar. No caso da Itália, aconteceu o mesmo. No Brasil, é o fato de não termos justiça, pelo menos na percepção das pessoas comuns. Nesse caso do atropelamento de um frentista em Ribeirão Preto, por exemplo, o delegado decidiu inicialmente por crime culposo (depois mudou para doloso). As pessoas que tentaram linchar o rapaz acreditavam que não haveria justiça, já que a pena seria mais leve por conta da atenuante.

*Qual o perfil de quem é linchado?*

Em geral, é linchado o pobre, mas há várias exceções. Há uma pequena porcentagem superior de negros em relação a brancos. Se um branco e um negro, separadamente, cometem o mesmo crime, a probabilidade de o negro ser linchado é maior.

*Que criminoso é mais vulnerável?*

O linchado pode ser desde o ladrão de galinha até o estuprador de criança. Sem dúvida, os maiores fatores são os casos de homicídio. Se a vítima do assassino é uma criança ou um jovem, ou se houve violência sexual, os linchamentos são frequentes. Há muitas ocorrências por causa de roubo, especialmente se o ladrão é contumaz. Acredito que tenha sido o caso dos rapazes em Salvador. A própria população estabelece uma gradação da pena que vai impor ao linchado. Essa é a dimensão de racionalidade num ato irracional.

*Como funciona essa gradação?*

Um ladrão de galinha vai sair muito machucado – e pode acontecer de ele morrer. Mas o risco de ser queimado é mínimo. Com o estuprador é o contrário. Há também uma escala de durabilidade do ódio. Se um ladrão sobreviver durante 10 minutos de ataque, está salvo. Tem havido muitas tentativas de linchamento em acidentes de trânsito. Mas normalmente a polícia chega logo e evita o ataque.

*Mulheres são linchadas?*

É raríssimo. Nos 2 mil casos que estudei, há dois ou três em que uma mulher foi a vítima. Agora, há muitas mulheres linchadoras no Brasil. Mulheres e crianças.

*Quem são os linchadores no Brasil?*

Não há tanto uma divisão de ricos e pobres. De modo geral, os linchamentos são urbanos. Ocorrem em bairros de periferia. Porém, há linchamentos no interior do País, onde quem atua é a classe média. O caso mais emblemático é o de Matupá, no Mato Grosso. O linchamento foi filmado e passado pela televisão, no noticiário. Três sujeitos assaltaram o banco, a população conseguiu linchá-los e queimá-los vivos. Isso foi a classe média. E quando a classe média lincha, a crueldade tende a ser maior, porque ela tem prazer no sofrimento da vítima. O pobre é igualmente radical, porém é mais ritual na execução do linchamento.

[...]

*Estamos todos sujeitos a participar de um linchamento?*

Se você tem valores bem fundamentados, não vai participar de um linchamento. Ele envolve pessoas cuja referência social é frágil. O problema é que elas são maioria no Brasil. Estima-se que 500 mil brasileiros tenham participado de linchamentos nos últimos 50 anos. Não é um número pequeno.

Matéria de Flávia Tavares para o Caderno “Aliás”, do jornal *O Estado de S. Paulo*, de 17 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br>>. Acesso em: 21 nov. 2008.

O objetivo desta etapa é o de sensibilizar os alunos a respeito do olhar sociológico para a realidade de forma que possam apreender o papel da Sociologia na compreensão da sociedade contemporânea.

Peça que um aluno leia para os demais a matéria de jornal. Divida a classe em grupos ou peça que eles respondam individualmente às seguintes questões com base na leitura desse texto:

- *Por que vocês acham que a jornalista pediu para que ele falasse sobre o tema?*

Ocorreram vários linchamentos em uma única semana e ela queria buscar uma explicação para isso. Ou seja, o sociólogo é chamado para dar explicações sobre o que acontece na sociedade e as relações entre os homens. Se ocorresse apenas um linchamento isolado, ela buscaria a explicação de um psicólogo. Entretanto, a prática do linchamento, como vimos, é corriqueira no Brasil, o que mostra que estamos diante de uma questão que é social, e não individual. Em segundo lugar, porque ele é um estudioso do assunto, trabalha há quase 30 anos e já estudou mais de 2 mil casos. É essa amplitude da observação que lhe permite ter segurança na análise que faz a respeito desse fenômeno social. Isto é, os sociólogos são pessoas que se especializam em analisar aspectos da vida social.

Lembre-se das características do senso

comum dadas em sala de aula. Com base nelas respondam:

- *Como ele procura fugir do senso comum ao falar do assunto?*

Para tanto ele foge do *imediatismo* e da *superficialidade*, pois procura trabalhar com diferentes aspectos da mesma questão, com o objetivo de entender quem são as pessoas envolvidas na situação de linchamento (se homens ou mulheres, se negros ou brancos, se ricos ou pobres, o lugar onde o linchamento ocorre etc.); do *preconceito*, pois evita fazer afirmações que expressem qualquer tipo de avaliação, seja dos que são linchados, seja dos linchadores; ele ainda mostra que para a compreensão do linchamento é preciso refletir de forma ampla, abordando o tema de diferentes ângulos. Dessa maneira, ele procura identificar quais os motivos que levam as pessoas a cometer esses atos. Para os sociólogos, vários são os fatores que podem explicar acontecimentos da sociedade. O sociólogo entrevistado aponta a complexidade do linchamento ao mostrar que ele ocorre em diferentes sociedades e épocas, há uma variedade de motivos, e que pessoas de distintos estratos sociais não lincham da mesma forma. Dessa maneira, ele evita generalizações indevidas.

Evitar generalizações indevidas é uma *importante preocupação metodológica do sociólogo* ao analisar qualquer situação.

Peça aos jovens que expliquem, com as próprias palavras, o que ele diz sobre o linchamento nas diferentes sociedades, que definam o perfil do linchado e estabeleçam o perfil do linchador.

Com base na discussão da entrevista, foi mostrado aos jovens como o sociólogo pode construir sua análise e como a análise sociológica pode ser complexa, pois ela leva em consideração uma grande gama de fatores.

## Etapa 2 – Aula expositiva

Nesse momento você já pode abordar com os alunos quando surgiu a Sociologia, o contexto da época e como os sociólogos se distinguem dos profissionais de outras áreas. A Sociologia nasceu no século XIX, um século marcado por dualidades:

- ▶ de um lado, a *ideia de progresso*. Difunde-se a ideia de que a história da humanidade não só caminha em uma direção, mas que esse caminho apontava uma evolução – essa evolução era o progresso da humanidade.
- ▶ *por outro lado, viam-se as mudanças não como sinal de evolução, mas, sim, de desordem* (GAY, 1998; MARTINS, 2003).

Pessoas que viveram o período chamavam a própria época de “uma era de mudanças”, um “século de transições” (GAY, 1998, p. 43). Uma das características do século XIX é a de que a própria *natureza das mudanças se modificou*, elas tornaram-se muito mais rápidas. Não só ocorreram as grandes imigrações para a América, como a migração do campo para a cidade. A mistura de grandes avanços de um lado, e miséria, fome e exploração de outro, fez com que as pessoas comessem a sentir um sentimento generalizado de desordem, uma sensação de estar à deriva, sem rumo (GAY, 1998). Tratava-se, portanto, de uma época mar-

cada por “dilemas sociais” (FERNANDES, 1980, p. 27), e a Sociologia surge como ciência preocupada em construir explicações a respeito da sociedade e de suas transformações.

A palavra “Sociologia” nasceu por volta de 1830 na França, cunhada por Augusto Comte. Assim como outros homens de sua época, Comte via a sociedade como estando em crise e achava que a função da Sociologia seria a de *resolver a crise do mundo moderno*, isto é, fornecer um sistema de ideias científicas que presidiria a reorganização social. A Sociologia era entendida de forma ampla e incluía parte da Psicologia, a Economia Política, a Ética e a Filosofia da História (a discussão sobre a especificidade do objeto da Sociologia ocorrerá no segundo bimestre). Você pode adiantar aos alunos que hoje ela é uma Ciência autônoma com relação a todas essas acima citadas.

Achava-se que o mundo moderno estaria em crise, devido ao contexto da época, da Revolução Industrial e de rápida urbanização.

A Revolução Industrial havia começado no século XVIII, mas suas consequências para a vida das pessoas se fizeram sentir com mais força somente no século XIX. Ela está relacionada ao desenvolvimento de um sistema fabril mecanizado que produz quantidades tão grandes e a um custo tão rapidamente decrescente que não precisa mais depender da demanda existente, pois ela cria o seu próprio mercado. A indústria automobilística ajuda a entender isso. Não foi a demanda por carros em 1890 que criou a indústria de porte que hoje conhecemos, mas a capacidade de produzir carros baratos – isso é que fomentou a atual demanda em massa. Inclusive, no início, muitas pessoas tinham medo dos carros.

Nos grandes centros urbanos, a Revolução Industrial disseminou a miséria e o descontentamento, e assim, na segunda metade do século XIX, não eram só os operários que

estavam descontentes com os baixos salários, os pequenos comerciantes também estavam descontentes. Não viam que o problema não eram as máquinas em si, mas todo um sistema econômico que estava se alterando.

No início da Revolução Industrial um dos fatores que atraíram os trabalhadores e os fizeram deixar os campos eram os salários mais altos e a liberdade que a cidade trazia. Karl Marx mostra que um fator importante para essa migração para a cidade foi a concentração da propriedade com o objetivo de aumentar as pastagens para a criação de ovelhas, para a produção da lã destinada às manufaturas. A redução da margem de lucro, ocasionada pela competição, fazia com que o preço dos produtos caísse e muitos empresários, para diminuir os custos de produção, passaram a contratar mulheres e crianças, cujos salários eram muito mais baixos do que os dos homens. A Revolução Industrial alterou o modo de vida das pessoas, trouxe novos costumes, novos hábitos, novos valores. Ela mudou também o ritmo de vida das pessoas. Este sempre fora dado pela luz diurna, fazendeiros e artesãos começavam e terminavam o seu dia, em geral, com o amanhecer e o crepúsculo. Com a disseminação da energia elétrica, o dia passou a ser encurtado

artificialmente (antes o gás, o óleo e a vela já faziam isso, mas eram caros). O tempo passou a ser controlado, curvando-se à vontade dos homens. Ele foi regularizado, dividido e homogeneizado. As fábricas passaram a funcionar em turnos e as pessoas começaram a trabalhar à noite. Um último ponto a respeito da industrialização: ela trouxe consigo a disciplina fabril, ou seja, o homem não trabalhava mais ao sabor do clima e das estações, agora deveria aprender a trabalhar de maneira adequada à indústria, ou seja, em um ritmo regular de trabalho diário ininterrupto e que é inteiramente diferente dos altos e baixos provocados pelas diferentes estações no trabalho agrícola.

Acompanhando a Revolução Industrial ocorria o processo de urbanização, com o desenvolvimento das cidades, que se tornaram o palco dessas transformações e cresceram de forma desmesurada. Ocorreu um esvaziamento do campo. As pessoas não só atravessavam oceanos, como também partiam do campo para as cidades em busca dos meios para sua sobrevivência ou de melhores condições de vida. Paris tinha quase 600 mil habitantes em 1800. Em 1850 tinha mais de 1 milhão, e em 1900, mais de 2,5 milhões (GAY, 1998, p. 45).

O século XIX pode ser compreendido como a era dos trens expressos. Os trens eram a metáfora das rápidas mudanças. Sua velocidade servia como símbolo para a velocidade das mudanças. E assim dinamizaram ainda mais as transformações (por meio deles os jornais passaram a chegar cada vez mais rápido aos lugares mais distantes e assim a informação pôde se difundir com mais velocidade). Eles beneficiaram também a indústria, ajudaram a baixar o custo do transporte da produção e as mercadorias perecíveis puderam ser transportadas de forma mais ágil.

Eles impuseram uma precisão ao tempo que nunca antes houvera. As cidades tiveram de acertar seus relógios. Antes deles, cada cidade marcava as horas como bem queria. (GAY, Peter. *Arquitetos e mártires da mudança*. In: *A Experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 54-55).

Em meio a tudo isso surgiu a Sociologia. Ela veio, nesse primeiro momento, não só

para compreender, mas também para reformar a sociedade. Afinal de contas, a pobreza

existente nas sociedades industriais não era mais vista como um *problema natural*, um castigo da natureza ou da Providência, mas, sim, fruto da exploração excessiva, ou seja, um *problema social*. A Sociologia nasceu

como uma ciência da sociedade industrial (BOTTOMORE, 2008, p. 19-21), mas os pais da Sociologia não concordavam entre si quanto aos métodos a ser empregados, nem quanto ao objeto dessa ciência.

“A falta de um entendimento comum por parte dos sociólogos sobre a sua ciência possui, em boa medida, uma relação com a formação de uma sociedade dividida em antagonismos de classe. A existência de interesses opostos na sociedade capitalista penetrou e invadiu a formação da Sociologia. [...] O caráter antagonico da sociedade capitalista, ao impedir um entendimento comum por parte dos sociólogos em torno ao objeto e aos métodos de investigação desta disciplina, deu margem ao nascimento de diferentes tradições sociológicas ou distintas sociologias, como preferem afirmar alguns sociólogos”.

MARTINS, Carlos Benedito. *O que é Sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Primeiros Passos). p.34-35.

Logo, a Sociologia, desde o seu início, não foi marcada pelo consenso, mas por intensos debates entre diferentes correntes de pensamento. Existiam desde as correntes que procuravam explicar a sociedade a partir de seus fundamentos econômicos (como Karl Marx), e outros, como Max Weber, que realizavam uma interpretação causal da cultura e da história. Haviam também perspectivas teóricas que explicavam a sociedade a partir de um princípio do equilíbrio e de uma tendência à integração, como Émile Durkheim, ou outros que viam a sociedade a partir das contradições e antagonismos que separavam os indivíduos.

Como agora os jovens já possuem uma noção do contexto do surgimento da Sociologia e de suas tensões, é possível explicar a distinção entre Sociologia e outras disciplinas como o Serviço Social ou a Filosofia. Muitos jovens confundem-nas. Por isso se faz necessário estabelecer uma distinção entre elas. No que se refere ao Serviço Social, pode-se dizer que a Sociologia se distingue dele, pois ela é uma tentativa de *compreensão* da realidade, ao passo que o serviço do assistente social é sempre uma *ação* na sociedade (BERGER, 1976, p. 13).

Também se faz necessária a distinção entre Sociologia e Filosofia. A Filosofia também estuda o homem, entretanto suas preocupações normalmente dizem respeito mais a abstrações do que a uma compreensão dos homens imersos dentro de contextos históricos específicos. Você pode exemplificar como achar necessário para que os jovens possam compreender isso; um questionamento filosófico sobre a realidade pode passar pelas seguintes questões: *O homem é livre? O que é liberdade?* Tais questões são muito genéricas e não se preocupam tanto com as especificidades dos diferentes homens e mulheres em sociedades distintas. Na verdade, a Filosofia trata muitas vezes com um conceito genérico de homem, pois se preocupa mais com a humanidade. Já o sociólogo se preocupa com *questões específicas a determinados contextos históricos*. A abordagem do tema “liberdade”, quando é feita por um sociólogo, pode partir, por exemplo, das seguintes questões: Qual é a concepção de liberdade dos japoneses? Há diferença no Brasil atual, na forma de entender o que é a liberdade entre pessoas de camadas médias e os ricos? Ou seja, há a preocupação em compreender os homens em momentos históricos e culturais específicos.

Com isso, esperamos que os alunos tenham adquirido uma noção do trabalho do sociólogo, suas preocupações, bem como entendido o contexto do surgimento da Sociologia.

### **Proposta de Situação de Avaliação**

Como forma de avaliação nossa sugestão é que você peça aos jovens que pesquisem em jornais, revistas ou internet outras entrevistas dadas por sociólogos sobre problemas atuais e mostrem em um pequeno trabalho escrito como esses profissionais se desvinculam do senso comum para fazer suas análises.

### **Proposta de Situação de Recuperação**

Nesta Situação de Aprendizagem os jovens foram levados a verificar o contexto do surgimento da Sociologia, bem como a diferenciá-la de outras disciplinas que também tem o homem como objeto de suas reflexões. Nossa sugestão é a de que os alunos escrevam um texto que pontue os problemas do contexto histórico do surgimento da disciplina decorrente da Revolução Industrial e da rápida urbanização. Para isso, podem recorrer, também, ao que aprenderam nas aulas de História e Geografia.

## RECURSOS PARA AMPLIAR A PERSPECTIVA DO PROFESSOR E DO ALUNO PARA A COMPREENSÃO DOS TEMAS

### Livros

BERGER, Peter. A Sociologia como passatempo individual. In: *Perspectivas sociológicas*. Vozes: Petrópolis, 1976. Livro introdutório da área de Sociologia, procura abordar o que é a Sociologia de forma leve e interessante. Lida ainda com vários dos preconceitos que as pessoas têm em relação a essa disciplina.

BOTTOMORE, Tom. O estudo da sociedade. In: *Introdução à Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Nesse capítulo o autor sintetiza em poucas páginas o contexto histórico do surgimento da Sociologia, bem como as diferentes disposições dos primeiros sociólogos para compreender a realidade. Indicamos ao professor.

DEMO, Pedro. A construção científica. In: *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1987. O livro é uma introdução à discussão de metodologia da ciência e pode ser uma leitura útil para o professor ao discutir com os jovens a diferenciação do olhar científico para o do senso comum.

ERNST, Bruno. *O espelho mágico de M. C. Escher*. Taschen: Koln, 2007. O livro dedica-se à explicação geral da obra de M. C. Escher, bem como traz uma análise de sua biografia.

FERNANDES, Florestan. *A natureza sociológica da Sociologia*. São Paulo: Ática, 1980. Este livro é a publicação de um curso dado por Florestan no ano de 1978. Recomendamos, apenas aos professores, a leitura da Nota Explicativa, da Introdução e do capítulo 2, “A ‘herança clássica’ e o seu destino”, p. 9-45. Não é um texto de fácil leitura, mas é uma instigante reflexão a respeito do que Florestan denomina o “estilhaçamento” da Sociologia já em sua origem.

GAY, Peter. Arquitetos e mártires da mudança. In: *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Nesse capítulo da introdução geral do livro o historiador Peter Gay expõe de forma instigante o panorama de contradições que foi o século XIX, em que coexistia tanto a crença no progresso e melhora da humanidade, como também uma sensação de mal-estar e desordem no mundo.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva M. Ciência e conhecimento científico. In: *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003. Nesse capítulo as autoras estabelecem uma rápida diferenciação entre o conhecimento científico e outras formas de conhecimento, como o popular e o religioso.

MARTINS, Carlos Benedito. *O que é Sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos, 57). Este livro é uma boa introdução para os professores, mas não o recomendamos aos jovens. Apesar de ser um livro introdutório, ele passa por diferentes correntes e autores da Sociologia, de tal forma que ele é mais indicado para alguém que já aprendeu um pouco do que é Sociologia, mas não para um jovem que inicia o Ensino Médio e nunca ouviu nada a respeito da disciplina. O professor pode escolher alguns trechos para serem lidos pelos alunos.

MENDRAS, Henri. *O que é a Sociologia*. Barueri: Manole, 2004. Este livro se propõe a ser um manual prático de introdução à Sociologia, buscando apresentar a Sociologia como Ciência, seus métodos e principais problemáticas, utilizando bibliografia de inúmeros autores. É importante observar, entretanto, que

se trata de uma abordagem da escola francesa, ainda do início dos anos 1960, e que inclui a Psicologia Social como parte da Sociologia. Porém, não deixa de ser útil para quem quer conhecer mais a fundo a Sociologia e não sabe por onde começar. Recomendamos a “Introdução” ao professor.

MORAES, Amaury Cesar. Licenciatura em Ciências Sociais e ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato. *Tempo Social*, abr. 2003, vol. 15, nº1, p. 5-20. Nesse artigo o autor estabelece uma reflexão sobre o ensino da Sociologia no Brasil, bem como sobre os revezes pelos quais ela passou nos últimos cem anos. Fundamental para o professor. E pode ser conseguido acessando-se o *site* Scielo: <http://www.scielo.br>.

### *Sites*

*Scielo*. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 21 nov. 2008. O *site* do Scielo

é uma ferramenta importante para o professor, pois permite que ele consiga textos das mais variadas revistas científicas do país, gratuitamente, por meio de downloads no formato PDF.

*Fundação M. C. Escher*. Disponível em: <<http://www.mcescher.com>>. Acesso em: 21 nov. 2008. Este é o *site* oficial do artista plástico holandês Maurits Cornelis Escher. *Museu M. C. Escher*. Disponível em: <<http://www.escherinhetpaleis.nl>>. Acesso em: 21 nov. 2008. Os alunos também podem aprender um pouco mais sobre o artista acessando o *site* do museu que abriga a sua obra.

*O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br>>. Acesso em: 21 nov. 2008. O *site* permite que sejam visualizadas matérias antigas do jornal. No caso deste bimestre, é possível acessar na íntegra a entrevista com o sociólogo José de Souza Martins, realizada em 17 de fevereiro de 2008 para o Caderno “Aliás”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento dos temas deste bimestre teve como um de seus objetivos preparar o caminho para os conteúdos do próximo Caderno. Esperamos ter contribuído com a elaboração das suas aulas, com o material

aqui apresentado, entre propostas de atividades, dinâmicas de apresentação de conteúdos e discussão de temas. Almejamos, assim, que este Caderno seja um instrumento útil no seu trabalho como docente.